



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIAH EDUARDA COLOMBO

DO ENTUSIASMO À DESCONFIANÇA: A EXPERIÊNCIA DO EXÉRCITO
ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA INTERNET

CURITIBA

2021

MARIAH EDUARDA COLOMBO

DO ENTUSIASMO À DESCONFIANÇA: A EXPERIÊNCIA DO EXÉRCITO
ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA INTERNET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Cristina de Souza Prudencio

CURITIBA

2021

A todos aqueles que lutam por um mundo
onde cabem todos os mundos.

AGRADECIMENTOS

Aos treze anos o meu primeiro contato com algum tipo de militância foi com uma campanha do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Se hoje eu sou quem eu sou e acredito no que acredito, é porque em algum momento as palavras do EZLN chegaram até mim. Se a imagem de um mundo melhor não é uma completa utopia ou pieguice é porque existem pessoas como os zapatistas, que levam até às últimas consequências a luta por um mundo menos cruel.

Agradeço à minha mãe, Salete, e minha tia Mafalda, que apesar de todas as dificuldades sempre fizeram de tudo para que minha educação fosse prioridade. Ser a primeira pessoa da família a ter a possibilidade de se formar em uma universidade pública com certeza não é uma conquista individual.

À minha amiga Letícia, por todos os trabalhos em grupo, conversas aprofundadas, e por me inspirar tanto.

A UFPR e a todos que se esforçam para que ela siga existindo em um país que não valoriza e nem respeita a ciência.

Aos meus professores, não apenas da graduação, mas todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse chegar onde estou. E especialmente à minha orientadora, que topou me acompanhar neste projeto e me ajudou ao longo da pesquisa.

Agradeço também à Muireann Crowley, que mesmo sem me conhecer foi extremamente solícita, prestativa e compartilhou documentos que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

E a todos aqueles que talvez nunca tenham ouvido falar do movimento zapatista, mas que, assim como eles, lutam todos os dias pela liberdade e contra o esquecimento. Estes deverão ser lembrados, porque como bem afirmou Galeano: “há quem acredite que o destino descansa nos joelhos dos deuses, mas a verdade é que trabalha, como um desafio candente, sobre a consciência dos homens”.

Muitas palavras caminham pelo mundo. Muitos mundos são feitos. Muitos mundos nos fazem. Existem palavras e mundos que são mentiras e injustiças. Existem palavras e mundos que são verdades e verdadeiros. Nós criamos mundos reais. Somos feitos por palavras verdadeiras. No mundo dos poderosos, não há lugar para ninguém além dos grandes e seus servos. No mundo que nós queremos cabem todos. O mundo que queremos é aquele onde cabem muitos mundos. A Pátria que construímos é aquela onde se encaixam todos os povos e as suas línguas, que todos os passos a percorrem, que todos riem, que todos amanhecem.

*Ejército Zapatista de Liberación Nacional
Cuarta Declaración De La Selva Lacandona, 1996.*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como o Exército Zapatista de Libertação Nacional explora a comunicação via internet hoje, tendo, na época em que surgiu, apresentado grande novidade no uso dos meios digitais. Metodologicamente foram utilizados os conceitos de enquadramento e alinhamento de quadros estabelecidos por Benford e Snow (2000). A pesquisa mostrou que a comunicação do EZLN nas redes digitais busca dialogar apenas com aqueles que já estão, conhecem, ou têm proximidade ideológica com o movimento. Foi possível observar também que o EZLN recusa a utilização aprofundada das redes digitais por conta lógica de atualização neoliberal por trás delas.

Palavras-chave: Comunicação; Redes Sociais; EZLN; Zapatismo; Capitalismo Comunicativo.

ABSTRACT

This research aims to understand how The Zapatista Army of National Liberation (EZLN) explores communication over the internet today, given that, by the time the group was created, they showed great innovation in the use of digital media. Methodologically, concepts of framing and frame alignments established in Benford and Snow (2000) were used. The research showed that EZLN communication on digital media aims to discuss with only those who already know or have an ideological connection with the movement. It was also possible to observe that EZLN refuses a deep utilization of digital media because of the logical neoliberal update behind them.

Keywords: Communication; Social Media; EZLN; Zapatism; Communicative Capitalism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – GRAFITE CRÍTICO À CAMPANHA DE MARKETING DA MARCA BOXFRESH.....	31
FIGURA 2 – GRAFITE CRÍTICO À CAMPANHA DE MARKETING DA MARCA BOXFRESH.....	31
FIGURA 3 – PERFIL E CAPA DA PÁGINA ENLACE ZAPATISTA.....	39
FIGURA 4 – REDIRECIONAMENTO PARA O BLOG.....	40
FIGURA 5 – PEQUENA NOTA.....	40
FIGURA 6 – FLASH DE INFORMAÇÃO.....	40
FIGURA 7 – Perfil @notienlace.....	41
FIGURA 8 – TRECHO DE COMUNICADO ZAPATISTA COM PRESENÇA DE AMPLIFICATION ASSOCIADO A DIAGNÓSTICO.....	51
FIGURA 9 – TRECHO DE COMUNICADO ZAPATISTA COM PRESENÇA DE QUADRO MOTIVACIONAL.....	53
FIGURA 10 – TRECHO DE COMUNICADO ZAPATISTA SOBRE AS NOVAS FORMAS DE AÇÕES POR CONTA DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS

CCRI-CG	–	Comité Clandestino Revolucionário Indígena - Comando Geral
CNI	–	Congreso Nacional Indígena
EZLN	–	Exército Zapatista de Libertação Nacional
INI	–	Instituto Nacional Indigenista
JBG	–	Juntas de Buen Gobierno
NAFTA	–	Tratado Norte-Americano de Livre Comércio
PRI	–	Partido Revolucionário Institucional
SUP	–	Subcomandante

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 AS ORIGENS DO EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL	13
1.1 “CUANDO SOÑAR ESTABA PROHIBIDO”: ANTICAPITALISMO E AUTONOMIA.....	18
1.2 DA SELVA LACANDONA PARA O MUNDO: UM MOVIMENTO SEM ROSTO.....	26
1.2.1 O esforço contra a apropriação e a mercantilização da narrativa zapatista.....	28
2 DO ENTUSIASMO À DESCONFIANÇA: O EZLN NA INTERNET	32
2.1 AS REDES SOCIAIS DO EZLN	35
2.1.1 O blog	35
2.1.2 A página do Facebook	38
2.1.3 O perfil do Twitter.....	40
2.1.4 O canal do Youtube.....	41
2.1.5 O perfil do Vimeo.....	41
2.2 DOS QUESTIONAMENTOS A PARTIR DAS REDES DO EZLN	41
2.3 MOBILIZAÇÃO NAS REDES E A LÓGICA CAPITALISTA	42
3 FALAR COM E PARA QUEM? AS ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS DO EZLN NAS REDES.....	46
3.1 SELEÇÃO DO MATERIAL E HIPÓTESES	47
3.2 SOBRE A ANÁLISE DO MATERIAL	48
3.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	51
3.3.1 Considerações zapatistas em relação às redes sociais	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
ANEXOS.....	66

INTRODUÇÃO

No dia 1º de janeiro de 1994 as prefeituras de sete cidades da região de Chiapas, no sul do México, foram ocupadas por integrantes do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que reivindicavam “trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz”¹.

Intrinsecamente a estas demandas, o movimento iniciado pelos zapatistas² naquela passagem de ano veio a ser considerado o principal movimento anticapitalista pós queda do muro de Berlim (TISCHLER, 2018), uma vez que se posicionavam como resistência ao neoliberalismo em um momento em que o capitalismo era a ideologia dominante.

Além disso, o EZLN se destacou por rapidamente criar uma rede de apoio internacional por meio da utilização da internet como ferramenta para a comunicação. Se tornando assim, segundo Castells (2000), o primeiro movimento de guerrilha informacional.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender de que maneira o Exército Zapatista de Libertação Nacional explora a internet 27 anos depois do levante que o apresentou ao mundo em janeiro de 1994, tendo, na época, apresentado grande novidade no uso dos meios digitais para comunicação de movimentos sociais.

Para isto, foram mapeadas as ferramentas digitais utilizadas pela comunicação do EZLN e observou-se que os canais de comunicação do Exército Zapatista de Libertação Nacional se retroalimentam. Sendo, entre eles, o blog Enlace Zapatista o meio central.

Portanto, a pesquisa propõe a análise do conteúdo publicado no site Enlace Zapatista entre fevereiro de 2019 e fevereiro de 2021 sob a teoria da mobilização de quadros, estabelecida por Benford e Snow (2000). Os autores sugerem três categorias a fim de classificar estratégias dentro de um discurso: diagnóstico, prognóstico e motivação. Segundo os autores, o diagnóstico atua como o esforço de identificar as causas do problema, o seu “adversário”. Enquanto o prognóstico

¹ Disponível em:

<<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/01/primera-declaracion-de-la-selva-lacandona/>> Acesso em: 16 abr. 2021

² A denominação do Exército Zapatista de Libertação Nacional é uma homenagem a Emiliano Zapata, líder da Revolução Mexicana de 1910. Alguns autores também se referem aos integrantes do EZLN como “neozapatistas”, a fim de evitar ambiguidades. Neste trabalho optou-se por usar “zapatistas”, pois é a forma que os integrantes se autodefinem.

envolve a estratégia para uma solução. Por sua vez, a motivação é a chamada para a ação.

Os autores identificam também quatro alinhamentos básicos para classificação, que descrevem de que forma esses quadros são comunicados: *frame bridging*, *frame amplification*, *frame extension*, e *frame transformation* (Idem, p. 624).

Dessa maneira, busca-se compreender quais são os quadros mobilizados por meio do material divulgado, como eles interagem e de que forma a estratégia da comunicação zapatista está sendo desenvolvida.

Como hipótese, supõe-se que o conteúdo do EZLN siga a tendência apresentada por outros movimentos sociais, como identificado por Prudencio (2020) e Kleina (2016), na qual o ativismo digital de perfis progressistas apresenta uma política de fortalecimento dos vínculos internos e construção do pertencimento ao grupo. Ainda, deduz-se que o Exército Zapatista de Libertação Nacional explore as redes sociais de maneira tímida, uma vez que hoje elas reproduzem uma lógica de atualização neoliberal, que é combatida pelo movimento.

A análise confirmou a hipótese de que o Exército Zapatista de Libertação Nacional tem posicionamento crítico em relação às redes sociais, por conta do viés neoliberal por trás da lógica das ferramentas. Mas subverteu a suposição de que seu conteúdo estabelece especialmente uma relação de proximidade com quadros motivacionais, a fim de conseguir adesão e incentivo para ação política.

A necessidade da abordagem do tema de forma acadêmica surge porque é abundante a quantidade de material de pesquisa que aborda a relação do EZLN com a internet no início de sua atuação, uma vez que representou uma nova forma de comunicação e atuação para os movimentos sociais. Porém no que diz respeito ao envolvimento do EZLN com as redes digitais hoje o conteúdo é escasso ou inexistente.

No primeiro capítulo desta pesquisa há um panorama sobre o EZLN, com um histórico da região que levou a criação do movimento, principais características que o constituem e principais características da comunicação utilizada pelo Exército Zapatista.

O segundo capítulo apresenta um panorama sobre a relação do EZLN com a internet e uma descrição de cada uma das ferramentas digitais utilizadas pelos zapatistas hoje. Há uma discussão sobre ciberativismo e a lógica seguida pelas

redes sociais, classificada como neoliberal e criadora de algo que Dean (2009) classifica como “capitalismo comunicativo”.

No terceiro capítulo há uma contextualização dos conceitos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa, a descrição apropriada do material analisado e considerações iniciais sobre a análise. Há também a discussão dos resultados da pesquisa e, por fim, há as conclusões do trabalho.

1 AS ORIGENS DO EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

No dia 1º de janeiro de 1994, além da chegada do novo ano e o início do funcionamento do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), o sul do México acordou com outra surpresa: as prefeituras de sete cidades da região de Chiapas – Ocosingo, Altamirano, Las Margaritas, Chanal, Oxchuc, Huixtán e San Cristóbal de Las Casas – foram ocupadas por integrantes do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN).

Composto especialmente por camponeses, indígenas, mestiços e intelectuais de origem urbana, as reivindicações originais do EZLN, segundo a Primeira Declaração da Selva Lacandona, documento oficial do movimento, são “trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz”.

As exigências do EZLN se justificam ao compreender o contexto geopolítico em que foi formado: Chiapas concentra uma das maiores populações indígenas do país e é marcado pela pobreza, marginalização e exclusão (GADEA, 1999).

Chiapas, localizado ao sul do México, é o oitavo maior estado do país em aspectos de extensão. Segundo Gadea (1999, p. 36) seu território pode ser dividido em três grandes regiões: Sierra Madre, a oeste do pacífico; Los Altos de Chiapas, região montanhosa central; e Selva Lacandona, região oriental.

É justamente os últimos dois que serviram de palco para a criação do EZLN. A região é marcada pela resistência indígena desde o processo de invasão espanhola.

O ingresso ao maciço montanhoso do centro de Chiapas (Los Altos) representou um verdadeiro desafio para o processo de conquista espanhola. Ainda restava a lembrança do recebimento hostil dos maias yucatecos, o que levou Hernán Cortês a não tentar conquistar os reinos tzotziles e tzeltales, grupos mayas estreitamente ligados. [...] No ano de 1527, uma segunda expedição de espanhóis, que levou como chefe Diego de Mazariegos, conseguiu finalmente tomar os “chiapa” pela retaguarda e encurralá-los no topo de um abismo, ao qual preferiam atirar-se ao invés de render-se.³ Progressivamente, devido à forte pressão militar, os “cacicazgos” tzotziles e tzeltales foram caindo, um após o outro. Logo no ano seguinte, seria fundada a Cidade Real (atual San Cristóbal de las Casas) no centro da mesma região. (GADEA, 1999, p. 37)

³ Nota do autor: “Ainda que posto em dúvida por vários historiadores mexicanos, este gesto denominado “la hazaña del Cañon del Sumidero”, conseguia simbolizar a resistência indígena desta região ao domínio colonial espanhol.”

Entre 1570 e 1630 a região passa por um processo de mudança, que segundo Gadea (1999, p. 39, itálico do autor) envolve a consolidação de um forte poder “regional” por parte dos fazendeiros chiapanecos. “A “comunidade” protagoniza um crescente retrocesso diante da extensão do latifúndio, pelo o que o *indígena*, além de representar “o passado”, ia se reduzindo cada vez mais no imaginário cultural do Chiapas colonial”.

A consequência foi o aumento de indígenas sem terra, conduzidos ao trabalho como mão de obra barata em grandes fazendas da região, cenário que se estendeu por quase 300 anos.

Houve, nesse meio tempo, algumas tentativas de “modernização” em relação à limitação das liberdades dos fazendeiros e autoridades locais, ações estas que encontraram resistência dos grupos fazendeiros-latifundiários atuantes na região (Idem, p. 42).

Entre 1876 e 1911 ocorre o governo de Porfirio Díaz⁴. Segundo Barbosa (2006, p.19), o general foi responsável pela abertura da economia mexicana para o capital estrangeiro e, como consequência, o aprofundamento das desigualdades sociais.

A integração do México ao comércio mundial deu-se predominantemente a partir das relações com os Estados Unidos, o que acarretou uma vinculação mais estreita da economia mexicana com os ciclos capitalistas mundiais. [...] As camadas populares sofriam as consequências da exploração econômica que o avanço do capitalismo no campo produziu. O México desse período era essencialmente rural, e os camponeses tiveram de enfrentar as consequências do processo de expropriações de suas terras comunais. (BARBOSA, 2006, p. 19)

A abertura do país para o capital estrangeiro também marginalizou e provocou o descontentamento das elites provinciais mexicanas. Com esses fatores somados às injustiças sociais ligadas à exploração capitalista, eclode a Revolução Mexicana em 1910, que 84 anos depois viria a inspirar o EZLN.

Liderada por Emiliano Zapata e Pascual Orozco, sob o lema “*Tierra y Libertad*”, a Revolução tinha como principais reivindicações o reconhecimento do direito indígena sobre as terras ancestrais e a reforma agrária. Segundo Rampinelli (2011), por meio do “Plano de Ayala” os rebeldes faziam suas exigências que, assim como aconteceu com o EZLN posteriormente, davam ao processo revolucionário um caráter anticapitalista.

⁴ Há um breve intervalo entre 1880 e 1884 para o governo de Manuel González. O governo de Porfirio Díaz também é chamado de “porfiriato” ou “porfirismo”.

Por que o Plano de Ayala é revolucionário? Porque adota as seguintes medidas: a) exige a restituição imediata das terras e a criação de tribunais revolucionários; b) obriga os fazendeiros e latifundiários, e não os camponeses, a esclarecer e justificar a legalidade da propriedade das terras; c) põe o bem-estar coletivo acima do individual, prefigurando a função social da propriedade; d) estabelece o direito de defesa, com armas, das conquistas realizadas. (RAMPINELLI, 2011, p. 98)

Não existe um consenso entre os historiadores para o fim da Revolução Mexicana⁵, que teve como desfecho a promulgação da Constituição de 1917, a criação do Partido Revolucionário Institucional (PRI) e o assassinato de alguns líderes da revolução, como o próprio Zapata.

Apesar de avanços, a Revolução não conseguiu “desestruturar os pilares básicos da estrutura colonial” (GADEA, 1999, p. 42). Nas décadas seguintes o estado de Chiapas, especialmente a região de Los Altos, enfrentava o aumento da população indígena e o agravamento de conflitos agrários.

No início da década de 40, a crise que se gerava levou as autoridades do Governo Federal a transferirem as comunidades indígenas para a região da Selva Lacandona, declaradas como “terras nacionais” (Idem, p. 43).

Neste sentido, desalojava-se lentamente aqueles proprietários de terras, herdeiros da época do “porfiriato”. [...] Transformada em “válvula de escape” dos problemas agrários, a Selva Lacandona foi paulatinamente ocupada durante o período de 1940-1960 por muitos indígenas [...] que em seus lugares de origem pressionavam o governo para que lhes entregassem terras em poder de proprietários privados. Desta maneira, a Selva Lacandona se converteria em um lugar de encontro de indígenas de diferentes estados do país. Somam-se ao intercâmbio cultural as distintas experiências organizacionais, a “comunidade” deixa de representar o ponto de referência para os colonos, criando-se novos espaços organizacionais. (GADEA, 1999, p. 43)

Mas, segundo Esponda e Barrios (1995), o que se havia pensado como uma solução para os problemas agrários, lentamente se tornou um novo problema. Enquanto o Estado procurava introduzir-se na região por meio do Instituto Nacional Indigenista (INI), por interesses econômicos e de influência nas organizações comunitárias das populações indígenas, os confrontos entre indígenas e fazendeiros residentes do local continuavam. Em 1972 um decreto governamental escancarou a tensão ao fazer com que quatro mil famílias indígenas passassem a viver sob

⁵ Algumas fontes atribuem ao ano de 1917, com a proclamação da Constituição do México, outras em 1919 com a morte de Emiliano Zapata, algumas em 1920 com a morte de Venustiano Carranza e outras que afirmam que o processo se prolongou até aos anos 1940.

ameaça do desalojamento, enquanto fazendeiros iam recuperando suas terras (Idem, *Ibidem*).

A política de colonização, mais que dar solução às pressões e conflitos agrários, veio a iniciar e desenvolver pelos anos 70, um novo processo de organização camponesa e indígena independente, além de evidenciar que a marginalização se tornará irresolúvel, se com o problema da terra não se estabelecer um *reconhecimento* social, cultural e jurídico dos povos indígenas. (GADEA, 1999, p. 46, itálico do autor)

Ainda nesse período, observa-se que o governo federal buscou implementar “projetos modernizadores” na região, que tinham como objetivo a exploração hidrográfica e petrolífera da região e a modernização da pecuária. Para Esponda e Barrios (1995) esses processos de modernização provocaram desequilíbrios nas organizações indígenas-camponesas, especialmente em aspectos econômicos.

Esta é fundamentalmente a orientação da modernização da economia; É uma política exclusiva que beneficia o capital estrangeiro e pelo menos trinta e sete milionários mexicanos e condena mais de quarenta milhões de mexicanos ao desemprego, insalubridade e miséria, cuja sobrevivência está mais ameaçada pela entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio com os Estados Unidos de América e Canadá. Essa política de exclusão é outra razão para o surgimento do EZLN. (ESPONDA e BARRIOS, 1995, tradução livre)⁶

Os sinais de insatisfação organizada por parte dos indígenas camponeses se intensificaram entre os anos de 1974 e 1976, destacando-se especialmente com o Congresso Indígena de San Cristóbal de las Casas, em outubro de 1974, que serviu como “um instrumento unificador do sofrimento e descontentamento dos povos indígenas tzotziles, choles, tzeltales e tojolabales” (Idem, *Ibidem*).

Logo em seguida, considera-se o início de um segundo período de desenvolvimento do movimento camponês em Chiapas, entre 1978 e 1979, caracterizado pela chegada de organizações políticas de esquerda na região. Segundo Esponda e Barrios (1995) esses grupos vieram a influenciar o movimento jovem camponês chiapaneco, e promoviam a organização autônoma da produção e a organização política dos indígenas camponeses da região.

Com a presença dessas organizações a luta camponesa em Chiapas começou a romper seu isolamento e a se incorporar às estruturas organizativas que primeiro permitiram superar o espontaneísmo, a

⁶ No original, em espanhol: “Ésa es fundamentalmente la orientación de la modernización de la economía; se trata de una política excluyente que beneficia al capital extranjero y por lo menos a treinta y siete millonarios mexicanos y condena al desempleo, a la insalubridad y a la miseria a más de cuarenta millones de mexicanos, cuya sobrevivencia se encuentra más amenazada con la entrada en vigor del Tratado de Libre Comercio con los Estados Unidos de América y Canadá. Esta política excluyente es otra de las razones del surgimiento del EZLN.”

dispersão e a improvisação dos primeiros anos. (ESPONDA e BARRIOS, 1995, tradução livre)⁷

Nos anos seguintes as mobilizações se consolidaram e se tornaram frequentes, mas não sem enfrentar repressões, inclusive violentas, por parte do Estado. A luta e associações se reorganizam e adquirem novas características. Segundo Esponda e Barrios (1995), as demandas agrárias não são mais exclusivamente o foco, mas aglutinam também demandas de liberdade política e de democracia. Sobretudo, segundo os autores, esse novo discurso se inspira no reconhecimento étnico de seus membros e no respeito à dignidade dos indígenas e à sua cultura.

E, por fim, no primeiro de janeiro de 1994 surge o EZLN, fruto de todo esse contexto que refletia a baixa popularidade do governo, a necessidade de maior organização comunitária, respeito à cultura indígena e reconhecimento étnico (GADEA, 1999).

Portanto, ao remontar as origens do Exército Zapatista nota-se que sua procedência está envolvida em um extenso processo histórico de lutas de movimentos camponeses em torno da questão agrária e de movimentos de caráter etnopolíticos, principalmente indígenas, da região chiapaneca.

Em uma visão macro, o contexto histórico e geográfico que conduziu à criação do movimento zapatista confirma o que Galeano (2019, p. 19) afirma sobre a estrutura da “engrenagem universal do capitalismo”: “a história do subdesenvolvimento da América Latina integra a história do desenvolvimento do capitalismo mundial”, fator que influenciou (e ainda influencia) drasticamente as posições do EZLN, como será discutido mais profundamente a seguir.

Dessa forma, a partir das suas próprias narrativas e exigências, os zapatistas se opõem à nova ordem global. Segundo Castells (2000, p.102) essa resistência apresenta duas faces: “eles lutam contra as consequências excludentes da modernização econômica, e também opõem-se à ideia de inevitabilidade de uma nova ordem geopolítica sob a qual o capitalismo torna-se universalmente aceito”.

⁷ No original, em espanhol: “Con la presencia de estas organizaciones la lucha campesina en Chiapas, empezó a romper su aislamiento y a incorporarse a estructuras organizativas que le permitieron superar el espontaneismo, la dispersión y la improvisación de los primeros años.”

Nesse sentido, observa-se que os zapatistas podem ser vistos como um exemplo do conceito delineado por Enrique Dussel (1992, p.48): “Jamais fomos modernos, sempre sofremos a modernidade”.

1.1 “CUANDO SOÑAR ESTABA PROHIBIDO”: ANTICAPITALISMO E AUTONOMIA

A crise global iniciada com a crise do petróleo em 1973, o declínio do estado de bem-estar social, a queda do Muro de Berlim em 1989, a ascensão da política de *laissez-faire* e de livre mercado, assim como as estratégias adotadas pelos governos de Margaret Thatcher na Inglaterra, Ronald Reagan nos Estados Unidos e no regime ditatorial de Augusto Pinochet no Chile, foram alguns dos catalisadores do “triunfo” do neoliberalismo como alternativa econômica.

Segundo Crotty (2000), o neoliberalismo aproveitou a instabilidade econômica que eclodiu na década de 1970 para se consolidar.

Os problemas daquela década criaram um movimento poderoso, liderado por negócios e, especialmente, interesses financeiros, para reverter o poder regulatório econômico do Estado, substituindo o controle social consciente pela “mão invisível” dos mercados não regulados – assim como no período antes da Grande Depressão. Embora os governos ainda desempenhem um grande papel na maioria das economias, eles cederam uma proporção enorme de seu poder econômico aos mercados globais e aos interesses privados. A teoria econômica usada para guiar e justificar essa transformação é conhecida como Neoliberalismo. Os entusiastas neoliberais prometeram que esta nova era do *laissez-faire* melhoraria dramaticamente o desempenho econômico tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento. Infelizmente, essas promessas não foram cumpridas. (CROTTY, 2000, p.1, tradução livre)⁸

Sendo assim, nos anos 90 o discurso dominante era o do neoliberalismo, paralelo ao processo de globalização capitalista. Logo, não se pode analisar as ações do Exército Zapatista de Libertação Nacional de maneira isolada, uma vez que fazem parte de um contexto: o zapatismo surge como “resistência ao

⁸ No original, em inglês: “The economic instability that erupted in the 1970s as the structures of the Golden Age unraveled has led us back to the future. The troubles of that decade created a powerful movement, led by business and, especially, financial interests, to roll back the economic regulatory power of the state, replacing conscious societal control with the “invisible hand” of unregulated markets - just as in the period preceding the Great Depression. Though governments still play a large role in most economies, they have ceded an enormous proportion of their economic power to global markets and private interests. The economic theory used to guide and justify this transformation is known as Neoliberalism. Neoliberal enthusiasts promised that this new *laissez-faire* era would dramatically improve economic performance in both developed and developing countries. Unfortunately, these promises have not been kept.”

capitalismo e ao neoliberalismo, com um exército popular em um país diretamente afetado pelo projeto neoliberal” (DE LA CADENA, 2018, p. 30, tradução livre)⁹.

Nesse sentido, Tischler enfatiza que “o zapatismo criou uma ruptura em um momento que a dominação capitalista parecia inquebrável” (2018, p. 255, tradução livre)¹⁰ e ressalta o peso do levante de 1994, não apenas no México, mas também como um reflexo para todo o mundo.

Para alguns, o levante armado do EZLN foi um grito por justiça pelos pobres e oprimidos do país contra um sistema de poder nacional injusto e abertamente corrupto. Para outros, mais distantes do cotidiano mexicano, essa ação simbolizava o grito de uma humanidade oprimida pelo capital (TISCHLER, 2018, p. 253, tradução livre)¹¹.

A resistência que o movimento zapatista apresenta manifesta-se como uma proposta política, cultural e sociológica, dessa forma se opondo à nova ordem global e assim criando uma luta em oposição às consequências excludentes da modernização econômica (CASTELLS, 2000, p.102).

Tischler considera que a importância do EZLN enquanto movimento anticapitalista e a sua rápida ressonância encontra-se não apenas “na justiça de suas reivindicações particulares, mas também em como ele abordou velhas questões de uma forma inovadora, atribuindo-lhes um significado diferente” (2018, p. 253, tradução livre)¹².

A princípio, de la Cadena (2017, p.32) afirma que a luta zapatista não se limitou à luta armada, em outras palavras, o zapatismo evitou replicar experiências passadas. Foram três motivos maiores para essa decisão: 1) legitimidade entre as comunidades indígenas, que num geral se opunham à luta armada, 2) a formação de uma nova cultura política, como veremos a seguir, e 3) incapacidade material em um primeiro momento.

⁹ No original, em espanhol: “Resurgió la resistencia al capitalismo y al neoliberalismo con un ejército popular en un país directamente afectado por el proyecto neoliberal”

¹⁰ No original, em inglês: “Zapatismo created a rupture in the time of capitalist domination that seemed unbreakable”

¹¹ No original, em inglês: “For some, the armed uprising of the EZLN was a cry for justice by the country’s poor and oppressed against an unfair and openly corrupt system of national power. For others, more distanced from Mexican everyday life, this action symbolized the cry of humanity oppressed by capital.”

¹² No original, em inglês: “We believe it is precisely this centrality of the emergence of the extraordinary that should be the starting point in the discussion of the importance of Zapatismo for the anti-capitalist movement. In other words, the immediate resonance of Zapatismo cannot be understood only on the basis of the fairness of its particular demands but also of how it talked about old issues in a new and innovative way, giving them a different meaning.”

Tischler (2018) reforça também que o zapatismo representou também uma ruptura em relação à imagem canônica do “sujeito revolucionário”, despontada da experiência marxista-leninista. Esse modelo derivado da experiência Bolchevique conduz que a regra é a revolução social centrada no Estado.

A tomada do poder pelos bolcheviques consagrou uma ideia de revolução que girava em torno do partido de vanguarda¹³ – considerado a expressão organizada da verdadeira consciência do proletariado – e a necessidade histórica de transformar esta vanguarda em um Estado apoiado pelas massas proletárias e aliada ao campesinato pobre, no caso específico da Rússia rural e atrasada. Portanto, a tomada do poder pelo partido de vanguarda é considerada a condição fundamental para as transformações que presumivelmente conduzirão a uma sociedade socialista, precursora do comunismo, de acordo com os interesses do proletariado que expressaria objetivamente o interesse geral de um sociedade em processo de emancipação. (TISCHLER, 2018, p. 255, tradução livre)¹⁴

De certo modo, os zapatistas revolucionaram o próprio conceito de revolução. Para compreender essa *transgressão*, é preciso voltar um pouco e ter em mente que, antes dos zapatistas, a Revolução Cubana apresentou a revolução socialista em uma parte do mundo considerada “subdesenvolvida”.

Segundo Tischler (2018), para os cânones leninistas a América Latina ainda não havia desenvolvido força produtiva o suficiente, portanto as classes proletárias não tinham força e presença política capazes de contemplar mudanças históricas dessa magnitude. A experiência de Cuba mostrou uma nova forma de organização: a da guerrilha rural, com isso a “topografia da revolução mudou”.

Para Tischler (2018), contudo, a nova ideia de revolução apresentada pela vivência cubana ainda ficou próxima aos modelos leninistas, pois seguia centrada na noção de Estado. O autor afirma que o modelo de guerrilha que havia sido aplicado nas experiências latino-americanas até aquele momento podiam ser observados como uma espécie adaptação do leninismo ao contexto e às lutas latino-americanas.

Talvez não fosse possível pensar em revolução fora da forma de Estado porque a constelação histórica dentro da qual ela ocorreu via o Estado como

¹³ Partido de vanguarda, originalmente “vanguard party”, é um conceito criado por Lênin que identifica uma organização revolucionária profissionalizada, na linha da frente de um movimento e de uma revolução, tendo como objetivo o estabelecimento da ditadura do proletariado. Mais sobre isso ver Figueiredo (2019), Lênin (2020) e Luxemburgo (1934).

¹⁴ No original, em inglês: “The taking of power by the Bolsheviks consecrated an idea of revolution which revolved around the vanguard party – considered the organized expression of the true consciousness of the proletariat – and the historical necessity to transform this vanguard into a state supported by the proletarian masses and allied with the poor peasantry, in the specific case of rural and backward Russia. Therefore, the taking of state power by the vanguard party is considered the fundamental condition for the transformations that will presumably lead to a socialist society, the precursor of communism, in agreement with the interests of the proletariat which would objectively express the general interest of a society in the process of emancipation.”

categoria política central. A figura do estado socialista soviético como uma forma bem-sucedida de mudança social ainda iluminava as lutas do povo e foi considerada – não sem razões objetivas – uma condição para o sucesso do que se entendeu como lutas anti imperialistas. (TISCHLER, 2018, p. 255, tradução livre)¹⁵

Em outras palavras, tanto a organização revolucionária leninista partidária quanto a guerrilheira tinham como objetivos finais o socialismo. Por sua vez, rompendo com essa inclinação, o zapatismo coloca em pauta a questão da autonomia nos territórios zapatistas (TISCHLER, 2018).

A autonomia zapatista constrói-se vinculada à questão indígena, como uma ruptura com o governo, o sistema eleitoral e o capitalismo. Além de representar liberdade e a possibilidade da construção de uma sociedade horizontal.

Apesar de desde o início, com a Primera Declaración de la Selva Lacandona, noções de autonomia nos territórios zapatistas serem indiretamente assinaladas, foi em janeiro de 1995, com a Tercera Declaración de la Selva Lacandona, que o tema se manifestou de maneira direta nas demandas do EZLN.

Segundo Harvey (2015, p. 9) a questão também apareceu com destaque durante as negociações entre zapatistas e governo federal, em 1996, que resultaram nos *Acordos de San Andrés*. Segundo o autor, esses acordos tinham como objetivo “reconhecer o direito dos povos indígenas de decidir sobre suas próprias formas de governo e desenvolvimento, criando assim a oportunidade de estabelecer uma nova relação com o Estado” (Idem, Ibidem). Além disso, os *Acordos de San Andrés* também abrangiam os direitos dos povos indígenas de decretar suas próprias formas de autogoverno, usar as terras e recursos de seus territórios e praticar suas próprias culturas.

Contudo, segundo Tischler (2018, p. 257) quando os acordos foram encaminhados ao Congresso mexicano, este “aprovou uma lei que minou o perfil crítico da autonomia indígena”, e a ação foi interpretada como uma traição pela população mexicana, especialmente pelos zapatistas.

A ausência de um retorno positivo por parte do governo mexicano às demandas por autonomia levou o EZLN a atuar por ela de outras formas. Possivelmente a mais significativa delas foi em 2003 com a criação dos “*caracoles*”,

¹⁵ No original, em inglês: “Perhaps it was not possible to think of revolution outside the state form because the historical constellation within which it took place viewed the state as a central political category. The figure of the Soviet socialist state as a successful form of social change still illuminated the struggles of the people and was considered – not without objective reasons – a condition for the success of what was understood as anti-imperialist struggles.”

cinco centros culturais e políticos que abrigariam as chamadas *Juntas de Buen Gobierno* (também referidas como JBG).

Segundo o próprio Exército Zapatista de Libertação Nacional, os membros das JBG são eleitos por meio de assembleias municipais por um período de três anos. As JBG têm como objetivo garantir a distribuição dos recursos às comunidades, buscar apoio externo de grupos de solidariedade e coordenar tarefas de áreas como comunicações, transporte e justiça, entre outras ações.¹⁶

Para Harvey (2015) a criação desses novos espaços de governo autônomo foi bem recebida pelos zapatistas e apoiadores, uma vez que a relação entre os membros da comunidade e suas “autoridades” se dá de maneira horizontal.

Eles tendem a compartilhar as mesmas condições econômicas, falam a mesma língua e participaram juntos das mesmas lutas políticas. Embora as autoridades zapatistas não tenham todos os recursos que precisariam para resolver todos os problemas que lhes são apresentados, em comparação com as autoridades dos municípios oficiais e do governo, elas são pelo menos vistas como acessíveis e respeitadas com aqueles que procuram seu apoio (Baronnet 2011, 209-211; Van der Haar 2001, 233). (HARVEY, 2015, p. 13, tradução livre)¹⁷

Ainda segundo o autor, os zapatistas se organizam a níveis comunitários, municipais e regionais. Essas comunidades incluem “autoridades agrárias responsáveis por lidar com disputas de terra com grupos não-zapatistas, representantes municipais que garantem que drogas, álcool e contrabando não entrem na comunidade e comitês de saúde e educação para supervisionar o trabalho realizado pelo promotores autônomos do município nessas áreas” (Idem, p. 11).

Tischler (2018, p. 257) reforça a relação complexa construída entre o local, o nacional e o internacional pelo EZLN a partir do conceito de autonomia. Segundo o autor, é muito importante que essa autonomia não seja interpretada apenas como “o autogoverno que é praticado nos territórios recuperados [após o levante de 1994]”.

Para o autor, o próprio conceito imagético de caracol expressa o movimento de dentro e para fora que a autonomia provoca e que é desejado pelos zapatistas, uma vez que uma de suas táticas é romper o cerco que é imposto pelo Estado e

¹⁶ Disponível em: <https://radiozapatista.org/?page_id=20294>. Acesso em: 2 jul. 2021

¹⁷ No original, em inglês: “They tend to share the same economic conditions, speak the same language, and have participated together in the same political struggles. Although the Zapatista authorities do not have all the resources they would need to resolve the problems they are presented with, in comparison to the authorities of official municipalities and government teachers they are at least seen as accessible and respectful of those who seek their support.”

pelo capitalismo, estes com o objetivo de limitar a atuação zapatista e “murchar a semente da autonomia”.

O autor define que a autonomia zapatista se orienta pela ideia de democracia direta, em oposição à democracia representativa, considerada pelo EZLN uma das formas de dominação do capital.

A autonomia [zapatista] é uma série de práticas que criam um governo baseado na paridade de gênero e incluindo, entre outras questões, a rotação de cargos políticos e a eliminação de “especialistas” na administração; dessa forma, governar torna-se uma experiência verdadeiramente coletiva. (TISCHLER, 2018, p. 257, tradução livre)¹⁸.

Ainda nessa perspectiva, é interessante observar como a autonomia zapatista existe diretamente vinculada à questão indígena, uma vez que o movimento surge, segundo Morton (2013), entre vários motivos, inclusive da rejeição à ameaça de esquecimento enfrentada pela população indígena sob o regime neoliberal.

Para Yashar (2005), a tendência apresentada pelas reivindicações dos movimentos indígenas na América Latina mostram que estes contestam o significado de cidadania e democracia. Nesse sentido, Harvey (2015) discorre sobre as observações do autor.

Yashar observa como os movimentos indígenas demandam não apenas a afirmação dos direitos individuais, mas também o reconhecimento de unidades autônomas em nível local e regional e a representação dos povos indígenas em todos os ramos do governo, incluindo legislaturas estaduais e nacionais. Finalmente, o desafio pós-liberal requer a criação de novas estruturas de governo, ou 'regimes de autonomia', que transferissem recursos e poderes de tomada de decisão para os povos indígenas, reconhecendo o pluralismo jurídico e a gestão indígena de terras e recursos naturais em territórios recentemente demarcados. (HARVEY, 2015, p. 4, tradução livre)¹⁹

¹⁸ No original, em inglês: “Autonomy is a series of practices creating a government based on gender parity and including, amongst others, the rotation of political offices and the elimination of “specialists” in the administration; thus, governing becomes truly a collective experience. The government is also in charge of monitoring the implementation of collective agreements reached through consensus in Zapatista territories; of administrating an economy of common areas destined to support the material reproduction of the self-government; and of overseeing an autonomous health and education system, amongst others.”

¹⁹ No original, em inglês: “Yashar notes how indigenous movements call not only for the affirmation of individual rights, but also for recognition of autonomous units at local and regional levels and the representation of indigenous peoples in all branches of government, including state and national legislatures. Finally, the post-liberal challenge requires the creation of new structures of government, or ‘autonomy regimes,’ that would transfer resources and decision-making powers to indigenous peoples, recognizing legal pluralism and indigenous management of land and natural resources in newly demarcated territories. In presenting these demands, indigenous movements are contesting the meaning of citizenship and democracy in Latin America’s multicultural societies, although the outcomes remain contingent on political struggle.”

Ainda segundo Harvey (2015), a luta zapatista pela autonomia e contra o neoliberalismo só pode ter sucesso se envolver a libertação decolonial, uma vez que “foi a continuação da colonialidade sob novas formas de acumulação de capital que manteve oculto o sofrimento dos povos indígenas, condenando-os ao esquecimento que o levante zapatista rejeitaria” (2015, p. 6, tradução livre)²⁰.

Dessa forma, as experiências zapatistas de injustiça, principalmente as que são ligadas à questão indígena, são uma expressão não apenas do neoliberalismo, mas também da colonialidade²¹.

Ainda, o desejo de autonomia zapatista vai além da organização política e territorial, ela é expandida até o conceito comunicacional. Marques e Filho (2015), observam que um dos principais recursos que o EZLN utiliza para isso é a Rádio Rebelde, localizada na região de Los Altos no Estado de Chiapas.

A Rádio Rebelde é derivada das Rádios Insurgentes organizadas pelo EZLN, que visavam mostrar “os avanços do processo de construção da autonomia nas zonas zapatistas e promover a difusão da palavra e a música das comunidades indígenas” (MARQUES e FILHO, 2015, p. 75). Além disso, a Rádio cumpre também o papel de informar os acontecimentos atuais em Chiapas. Para os autores a presença do tema “autonomia” nas transmissões radiofônicas é predominante.

A autonomia também deriva da valorização do modo de vida local, das resistências de um modo de ser no mundo que procura romper com a lógica do capital e do neoliberalismo, a partir de um trabalho que tenta promover a pluralidade, as articulações contingentes e temporárias, e a interseção entre o movimento e todos os povos que lutam por espaços autônômicos e não hierarquizados de subsistência e de enunciação coletiva. (MARQUES e FILHO, 2015, p. 83)

Segundo os autores, a autonomia está tão enraizada nos conteúdos comunicacionais do EZLN ao ponto de as comunidades zapatistas terem sua temporalidade própria. Dessa forma, ainda que o ideal de autonomia seja reivindicado de maneira concreta pelo EZLN – por meio da comunicação, da política e do território, como abordado anteriormente –, ela também se expande para conceitos subjetivos.

Raiter e Muñoz (2000) reforçam essa visão, afirmando que o discurso zapatista questiona valores dos signos ideológicos dominantes políticos, mas

²⁰ No original, em inglês: “It was the continuation of coloniality under new forms of capital accumulation that kept the suffering of indigenous people hidden from the view, condemning them to the oblivion that the Zapatista uprising would reject.”

²¹ Mais sobre o tema ver Mignolo, 2011.

também dos signos ideológicos da morte, do tempo e da história, – sendo esses com elementos provindos da tradição pré-hispânica – e isso também é uma forma de estabelecer autonomia e ruptura.

Tischler (2018, p. 258) conta que no período que passou em comunidades zapatistas, aprendeu que os zapatistas têm três tempos: 1) o “tempo exato”, ligado ao comércio e ao relógio, representando uma figura direta do capital; 2) “apenas tempo”, ligado a terra e figura da relação entre as pessoas e a natureza; e 3) o “tempo necessário”, representando o tempo da revolução e diretamente ligado ao anticapitalismo. A própria alegoria dos “caracóis zapatistas” carrega uma carga simbólica próxima a essa, retroalimentada pela cultura maia, inspiração para o EZLN: “O caracol [...] também simboliza que o tempo não é linear, mas sim espiral” (PERIS, 2018, p. 29, tradução livre)²².

Ainda em relação ao tempo, segundo de la Cadena (2017, p. 39), o Subcomandante Marcos utilizava dois relógios, um em cada braço. O do braço direito representa o tempo da sociedade civil, o do braço esquerdo o tempo do EZLN. Segundo o autor, o exército zapatista afirma que luta para ter um só tempo: o de paz.

Tanto a reivindicação pela autonomia nas mais diversas formas, quanto a resistência contra o neoliberalismo – sendo essas demandas que se completam – estão atreladas diretamente a um desejo: a luta de mundo onde cabem muitos mundos.

Muitas palavras caminham pelo mundo. Muitos mundos são feitos. Muitos mundos nos fazem. Existem palavras e mundos que são mentiras e injustiças. Existem palavras e mundos que são verdades e verdadeiros. Nós criamos mundos reais. Somos feitos por palavras verdadeiras. No mundo dos poderosos, não há lugar para ninguém além dos grandes e seus servos. No mundo que nós queremos cabem todos. O mundo que queremos é aquele onde cabem muitos mundos. A Pátria que construímos é aquela onde se encaixam todos os povos e as suas línguas, que todos os passos a percorrem, que todos riem, que todos amanhecem. (CUARTA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA, 1996, tradução livre)²³

²² No original, em espanhol: “El caracol [...] también simboliza que el tiempo no es lineal, sino más bien espiral.”

²³ No original, em espanhol: “Muchas palabras se caminan en el mundo. Muchos mundos se hacen. Muchos mundos nos hacen. Hay palabras y mundos que son mentiras e injusticias. Hay palabras y mundos que son verdades y verdaderos. Nosotros hacemos mundos verdaderos. Nosotros somos hechos por palabras verdaderas. En el mundo del poderoso no caben más que los grandes y sus servidores. En el mundo que queremos nosotros caben todos. El mundo que queremos es uno donde quepan muchos mundos. La Patria que construimos es una donde quepan todos los pueblos y sus lenguas, que todos los pasos la caminen, que todos la rían, que la amanezcan todos.”

Disponível em:

<<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1996/01/01/cuarta-declaracion-de-la-selva-lacandona/>> Acesso em: 16 jul. 2021

1.2 DA SELVA LACANDONA PARA O MUNDO: UM MOVIMENTO SEM ROSTO

A partir do levante de primeiro de janeiro de 1994 a existência do Exército Zapatista de Libertação Nacional passou a ser conhecida mundialmente. Isso se deu por meio de dois principais recursos comunicacionais: 1) a utilização da internet como ferramenta de comunicação, situação que será abordada mais profundamente nos próximos capítulos deste trabalho, e 2) a consolidação de uma estética e mitologia zapatista, por meio da repetição e combinação.

No que diz respeito ao segundo aspecto, a associação a símbolos se destaca na construção do imaginário zapatista. Por meio dela, o EZLN criou um universo alegórico ligado a *pasamontañas*, cachimbos, Emiliano Zapata, a ancestralidade indígena e a natureza (CORTECERO et al., 2018).

Na estética zapatista, as *pasamontañas*, uma espécie de touca que cobre o rosto²⁴, possuem a dimensão simbólica mais significativa. Segundo Cortecero et al. (2018) a máscara zapatista possibilita o elemento do anonimato, recorrente nos casos de resistências rurais mexicanas, e fator indispensável no desenvolvimento do EZLN.

Os autores afirmam também que, ao mesmo tempo que o *pasamontañas* carrega uma noção de clandestinidade, os zapatistas a deslocaram deste sentido a ponto que civis posavam com elas. Isso legitimava o EZLN entre a sociedade e conquistava a opinião pública. A simbologia da *pasamontaña* se constrói também em cima da noção subjetiva da ausência de um rosto, na qual reside a “identificação aberta”, e possibilita o surgimento do rosto do outro (GADEA, 1999).

Outro grande símbolo representativo dentro da estética zapatista é o Subcomandante Marcos, membro e principal porta-voz do EZLN. Era ele o responsável por fazer a ponte entre imprensa e movimento, além de ser quem concedia entrevistas, escrevia cartas e comunicados. O subcomandante esteve presente como membro do Exército Zapatista desde o levante de janeiro de 1994, em todas as suas aparições estava usando a *pasamontañas* e eventualmente com um cachimbo.

Foi entre fevereiro e março de 1994, durante o episódio que ficou conhecido como Diálogos de San Cristóbal de las Casas, que o desenvolvimento da imagem e

²⁴ Uma imagem do Subcomandante Marcos utilizando uma *pasamontañas* está disponível nos Anexos desta pesquisa

da poética zapatista aconteceu, especialmente em relação ao Subcomandante Marcos (GADEA, 1999). Segundo Gadea, é nesse período que começa de fato a produção simbólica do movimento.

Assim como as *pasamontañas*, Marcos foi um dos principais pilares publicitários políticos do EZLN. Existe um reforço da imagem do subcomandante tanto por parte da imprensa, quanto por parte do próprio movimento zapatista (CORTECERO et al., 2018).

Em abril de 2014 o Subcomandante Marcos sai de cena logo após trocar o nome para Subcomandante Galeano, em homenagem a um colega zapatista que havia sido assassinado. O papel de porta-voz, antes ocupado por Marcos, passa a ser de Subcomandante Insurgente Moisés.

Segundo Peris (2018, p. 32, tradução livre)²⁵, a mudança é muito simbólica, pois “se emoldurou uma transição de poder geracional e simbólica, entre um mestiço e um indígena, entre a velha guarda presente na incipiente formação guerrilheira em 1983 e as novas gerações que cresceram durante o conflito”.

Oficialmente, o EZLN nunca confirmou a identidade de Marcos, o que de certa forma subverte o senso comum de que o líder deve ser conhecido e responde sozinho pelo coletivo. Por ser várias vezes questionado sobre isso, o Subcomandante respondeu por meio de um comunicado. A narrativa se assemelha ao sentido subjetivo em usar a máscara: todos podem ser Marcos, todos podem ser um zapatista.

Marcos é gay em San Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, chicano em San Isidro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, indígena nas ruas de San Cristóbal, bagunceiro em Neza, roqueiro na Cidade Universitária, judeu na Alemanha, ombudsman na Sedena, feminista nos partidos políticos, comunista no pós-guerra fria, preso em Cintalapa, pacifista na Bósnia, mapuche nos Andes, professor na CNTE, artista sem galeria nem portfólios, dona de casa em um sábado a noite em qualquer colônia de qualquer cidade de qualquer México, guerrilheiro no México no fim do século XX, grevista na Confederación de Trabajadores de México, jornalista de notas de recheio do interior, machista no movimento feminista, mulher sozinha no metro às 10 horas da noite, aposentado em protesto na Zócalo, camponês sem-terra, editor marginal, trabalhador desempregado, médico sem vaga, estudante inconformado, dissidente do neoliberalismo, escritor sem livros nem leitores, e, com certeza, zapatista no sudeste mexicano. Enfim, Marcos é um ser humano qualquer neste mundo. Marcos é todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, sendo exploradas, dizendo “Já basta!”. Todas as minorias na hora de falar e majorias na hora de calar e tolerar. Todos os intolerados buscando uma palavra, sua palavra,

²⁵ No original, em espanhol: “Esta decisión se enmarcó en un traspaso de poder a la vez generacional y simbólico, entre un mestizo y un indígena y entre la vieja guardia presente en la incipiente formación guerrillera en 1983 y las nuevas generaciones crecidas ya durante el conflicto.”

o que devolve a maioria aos eternos fragmentados, nós. Tudo que incomoda poder e boa consciência, isso é Marcos. (Tradução livre)²⁶

1.2.1 O esforço contra a apropriação e a mercantilização da narrativa zapatista

Devido ao viés anticapitalista adotado pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional, abordado no item anterior, é interessante observar o processo de apropriação dos símbolos construídos pela discursiva zapatistas por parte do sistema capitalista neoliberal, que é justamente combatido pelo movimento, a fim de compreender como o EZLN se posiciona frente a essas questões.

Especialmente nos anos pós-levante de 1994 cidades como San Cristóbal aproveitaram a estética zapatista para a produção de souvenirs e potencialização de negócios ligados ao setor turístico, como bares, restaurantes e agências de viagens (BASTIDA, 2019).

Porém, segundo Figueiredo (2003) esse era um fenômeno que causava constrangimentos para os rebeldes zapatistas, que se posicionavam contra a mercantilização do zapatismo. O autor afirma que “os indígenas, marginalizados economicamente e habituados à vida comunitária nas comunidades, se mostravam avessos à exploração comercial e outras formas de absorção do zapatismo por uma sociedade de consumo em massa” (2003, p. 229). Nesse sentido houve manifestações contrárias diretas por parte do EZLN.

Após o informe público de Marcos sobre o andamento dos diálogos do dia 25 de fevereiro, este passou a palavra ao comandante Juan, que fez uma declaração contra a mercantilização do “sangue heróico dos nossos companheiros”. Ele dizia que tinham se levantado em defesa da dignidade

²⁶ No original, em espanhol: “Marcos es gay en San Francisco, negro en Sudáfrica, asiático en Europa, chicano en San Isidro, anarquista en España, palestino en Israel, indígena en las calles de San Cristóbal, chavo banda en Neza, rockero en CU, judío en Alemania, ombudsman en la Sedena, feminista en los partidos políticos, comunista en la post guerra fría, preso en Cintalapa, pacifista en Bosnia, mapuche en los Andes, maestro en la CNTE, artista sin galería ni portafolios, ama de casa un sábado por la noche en cualquier colonia de cualquier ciudad de cualquier México, guerrillero en el México de fin del siglo XX, huelguista en la CTM, reportero de nota de relleno en interiores, machista en el movimiento feminista, mujer sola en el metro a las 10 P.M., jubilado en el plantón en el Zócalo, campesino sin tierra, editor marginal, obrero desempleado, médico sin plaza, estudiante inconforme, disidente en el neoliberalismo, escritor sin libros ni lectores, y, es seguro, zapatista en el sureste mexicano. En fin, Marcos es un ser humano, cualquiera, en este mundo. Marcos es todas las minorías intoleradas, oprimidas, resistiendo, explotando, diciendo “¡Ya basta!”. Todas las minorías a la hora de hablar y mayorías a la hora de callar y aguantar. Todos los intolerados buscando una palabra, su palabra, lo que devuelva la mayoría a los eternos fragmentados, nosotros. Todo lo que incomoda al poder y a las buenas conciencias, eso es Marcos”.

Disponível em: <<http://www.bibliotecas.tv/chiapas/may94/28may94.html>> Acesso em: 19 mar. 2021

indígena. “O que queremos dizer com isso, é que nós, levantados em armas, dentro disso, o respeito e a dignidade indígena é para que não continuem nos vendendo como animais num zoológico, mas que nos tratem como pessoas e seres humanos” (EZLN, 1994: 173). (FIGUEIREDO, 2003, p. 229)

A apropriação de símbolos construídos a partir da narrativa zapatista fica perceptível especialmente quando esses ícones são usados como recursos para a publicidade comercial. Bastida (2019) pontua algumas dessas apropriações, como por exemplo uma marca de preservativos chamada “*Alzados*” – que em uma tradução livre significa “levantado”, “rebelado” –, que usou a imagem do Subcomandante Marcos – em mais um provável jogo de palavras infame com o fato de o Subcomandante ser identificado como “encapuzado”.

Figueiredo (2003) aponta também que esse episódio indicava a transformação do *sup* em símbolo sexual. Segundo o autor, esse fenômeno incomodava os indígenas do EZLN, pois “o que sentem por ele é o respeito a um chefe militar” (2003, p. 230).

Bastida (2000) relembra também que em 2001 a marca britânica Boxfresh usou a figura de um insurgente zapatista com uma *pasamontaña* junto ao slogan “*We Are You*”, uma adaptação do lema zapatista “*Nosotros somos ustedes*”. O autor afirma que nesse caso esses símbolos foram pervertidos ao ponto de ficarem completamente alheios aos sujeitos que representavam, e que a ação teve uma resposta de rejeição por parte de grupos apoiadores do zapatismo (2019, p. 10).

FIGURA 1 – GRAFITE CRÍTICO À CAMPANHA DE MARKETING DA MARCA BOXFRESH²⁷



FONTE: Space Hijackers (2001)

FIGURA 2 – GRAFITE CRÍTICO À CAMPANHA DE MARKETING DA MARCA BOXFRESH²⁸



FONTE: Space Hijackers (2001)

Mais recentemente, em 2014, podemos assinalar quando a 21st Century Fox, grande estúdio de cinema estadunidense, usou a imagem do Subcomandante

²⁷ Tradução livre da Figura 1: “Não compre na Boxfresh, eles estão tentando transformar os zapatistas em propaganda”

²⁸ Tradução livre da Figura 2: “‘Nós somos você’. Não, vocês não são. Vocês são uma loja superfaturada tentando ser subversiva. Boxfresh me deixa enjoado.”

Marcos em um teaser²⁹ para distribuição do filme "X-Men: Dias de um Futuro Esquecido". O vídeo, intitulado de "25 momentos na luta entre X-Men e humanos", dá a entender que o representante zapatista faz parte da equipe de super-heróis.

A ação de apropriação de símbolos de uma luta anticapitalista pelo próprio capitalismo pode ser considerada como uma espécie de "esvaziamento do significado", no qual se trava uma disputa por parte do EZLN para que isso não ocorra. Esse esforço terá implicações na forma como o movimento utiliza as formas de comunicação, o que será mostrado nos capítulos subsequentes.

²⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tRRM1noiXnk>> Acesso em: 17 jul. 2021

2 DO ENTUSIASMO À DESCONFIANÇA: O EZLN NA INTERNET

Desde o levante de primeiro de janeiro de 1994, o movimento zapatista se destacou por rapidamente criar uma rede de apoio internacional. Como pontuado anteriormente, um dos motivos para tal se deu por conta da efetiva utilização da internet enquanto ferramenta para a comunicação. “O sucesso dos zapatistas deveu-se, em grande parte, à sua estratégia de comunicação, a tal ponto que eles podem ser considerados o *primeiro movimento de guerrilha informacional*” (CASTELLS, 2000, p. 103)

Por meio da internet³⁰, o EZLN viu a possibilidade de divulgar suas principais reivindicações, de forma que fragmentou o poder sobre como o movimento era representado. Sendo assim, considera-se que o Exército Zapatista de Libertação Nacional promoveu uma revolução não apenas a nível social, mas também a nível comunicacional no que diz respeito ao diálogo dos movimentos sociais com a comunidade.

Os comunicados, além da surpresa causada, possibilitaram que os zapatistas rompessem as linhas inimigas e chegassem com vigorosa energia ao coração de uma sociedade ávida de conhecer o que ocorria em Chiapas. Esses comunicados permitiram, em um primeiro momento, desmentir os rumores, as informações falsas e as desqualificações procedentes da estratégia midiática governamental que pretendia diminuir as dimensões reais do conflito, assim como deslegitimar as causas do levante. (PERIS, 2018, p.15, tradução livre)³¹

A criação de redes de apoio internacionais por meio da internet se mostrou decisiva no que diz respeito à política mexicana, à relação entre governo e zapatistas e até mesmo no desenrolar do conflito, uma vez que, após o EZLN conquistar a opinião pública internacional, o governo mexicano ficou praticamente impossibilitado de fazer uso de métodos repressivos em larga escala (CASTELLS, 2000).

É possível afirmar, portanto, que o EZLN se coloca na vanguarda do uso político da internet, estabelecendo um canal de comunicação com a sociedade de

³⁰ É importante ter em mente, porém, que essa internet utilizada em 1994 ainda era uma versão muito embrionária do que existe hoje.

³¹ No original, em espanhol: “Los comunicados, además de la sorpresa causada, posibilitaron que los zapatistas rompieran las líneas enemigas y llegaran con vigorosa energía al corazón de una sociedad ávida de conocer lo que ocurría en Chiapas. Estos comunicados permitieron, en un primer momento, desmentir los rumores, las informaciones falsas y las descalificaciones procedentes de la estrategia mediática gubernamental que pretendía disminuir las dimensiones reales del conflicto, así como deslegitimar las causas del alzamiento.”

modo a não só mostrar sua existência e luta política como também apresentar novos significados para sua experiência. Nesse sentido, o EZLN atua como meio de comunicação, na definição de Melucci (1999), na medida em que comunica ao mundo que problemas precisam se tornar públicos, forçando assim os poderes instituídos a se revelar e atuar na resolução dos conflitos.

Para Peris (2018, p. 27) o mais surpreendente no uso do ciberespaço pelos zapatistas foi que isso também possibilitou compartilhar experiências de luta, coordenar métodos, sincronizar protestos e mobilizar observadores.

Esta surpreendente comunhão de esforços de inúmeros ativistas políticos europeus e norte-americanos em torno da causa zapatista se deu no marco do processo de convergência da resistência anticapitalista mundial e da tendência crescente de jovens militantes descobrirem novas formas de ação, portanto, como política práticas semelhantes às usadas pelos zapatistas. (PERIS, 2018, p. 27, tradução livre)³²

Nesse sentido, o autor afirma que a estratégia comunicacional adotada pelo EZLN vai além da simples circulação de informações, mas abrange também aspectos culturais da revolução e possibilita a construção de identidades coletivas (Idem, p. 13).

Para visualizar a novidade zapatista no ciberespaço é preciso compreender o processo de exploração nesse terreno, até então não desbravado pelos movimentos sociais.

Em 1994, após ter dificuldades em encontrar notícias a respeito do levante zapatista, Justin Paulson, na época estudante de literatura, criou um site (www.ezln.org) para disponibilizar informações, comunicados e arquivos, a fim de criar um acervo que apresentasse o zapatismo “como o que é, sem distorcer sua natureza, ou apropriá-la para fins de alguma organização” (GUARDIA, 2018, p. 284). Para atingir esse objetivo, o criador da página afirmou que publicava comunicados e documentos escritos com as próprias palavras do EZLN e notícias de fontes verificadas.

A princípio o intuito do blog era proporcionar informações confiáveis sobre as ações zapatistas para pessoas de fora do México, sendo assim, o conteúdo era majoritariamente em inglês. Segundo Paulson, o número de visitas a página subiu

³² No original, em espanhol: “Esta sorprendente comunión de esfuerzos de infinidad de activistas políticos europeos y norteamericanos en torno a la causa zapatista se dio en el marco del proceso de convergencia de la resistencia anticapitalista mundial y de la tendencia creciente de los jóvenes activistas a descubrir nuevas formas de acción, así como prácticas políticas semejantes a las usadas por los zapatistas.”

rapidamente e era acessado principalmente por mexicanos, de forma que a partir de 1995 a maior parte das notícias eram publicadas em espanhol.

Em entrevista a Carlos de la Guardia, Justin Paulson afirmou que obteve autorização do Exército Zapatista de Libertação Nacional para usar o endereço, assim como teve aprovação dos membros do mesmo em relação ao conteúdo publicado. O site conquistou também a aceitação do público, que demonstrava apoio por meio de mensagens e comentários.

Segundo Guardia (2018), o blog criado por Paulson influenciou a criação de outros sites dedicados aos zapatistas, inclusive por pessoas de países de fora do México. A partir de abril de 1996, outras páginas com informações sobre o conflito em Chiapas passaram a existir, sendo que algumas faziam parte de organizações adjacentes ao próprio EZLN (BISCO JUNIOR, 2007).

Originalmente as principais produções veiculadas pelo EZLN consistiam em relatos históricos e míticos, discursos públicos, ordens e comunicados militares, cartas pessoais, projetos de lei, contos ficcionais e fantásticos, panfletos, poesias e fábulas. Não apenas a forma que o conteúdo era difundido como o próprio formato também representava uma novidade, especialmente em comparação com a produção política tradicional (RAITER e MUÑOZ, 2000, p. 196).

Esse tipo de conteúdo, associado com a atuação em rede, que é caracterizada como descentralizada e não hierárquica, foi um novo tipo de guerra. Dentro do conceito de Bastida (2019, p. 7) “foi a primeira guerra em rede social, o que fortaleceu a identidade e a lealdade da sociedade civil transnacional”.

Em 2005, como consequência da divulgação da “Sexta Declaración de la Selva Lacandona” e criação da “A Outra Campanha”³³ o site oficial do Exército Zapatista de Libertação Nacional ganhou um novo endereço e passou a ser o Enlace Zapatista (<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>). Esse momento representou um segundo período dentro da comunicação zapatista.

Em uma primeira etapa o EZLN contou com a “cumplicidade sócio-comunicativa” representada por textos publicados em grandes jornais, desenvolvimento de uma variedade de fontes virtuais dispostas a difundir a mensagem do zapatismo, entre outros. Essa fase foi classificada por Bastida (2019,

³³ A Outra Campanha foi uma iniciativa política que se posicionou contra a campanha eleitoral mexicana, especialmente de 2006, e propunha que outras formas de se fazer política são possíveis. Ela teve início em 2005 com a publicação da “Sexta Declaración de la Selva Lacandona” e durou até dezembro de 2012 (PERIS, 2018).

p. 4) como “um êxito comunicativo por um afortunado acidente midiático”, que o autor define acontecer entre 1994 e 2003.

Ainda conforme Bastida (2019, p. 11), em um segundo momento, entre 2003 e 2012, o zapatismo passa para uma etapa chamada “construindo também autonomia comunicativa”, na qual o EZLN passa a se empenhar na elaboração de sua própria comunicação alternativa, e dessa vez de maneira mais incrementada.

Nesse ponto, de acordo com o autor, o Exército Zapatista segue tendo a palavra como principal arma, porém agora de maneira multimídia, completada com elementos da cultura popular alinhados ao zapatismo. Ocorre também o distanciamento dos meios de comunicação comerciais e o EZLN fortalece suas produções culturais próprias.

2.1 AS REDES SOCIAIS DO EZLN

Até o momento desta pesquisa o Exército Zapatista de Libertação Nacional conta com cinco principais ferramentas online para comunicação e distribuição de conteúdo, sendo elas o blog Enlace Zapatista, o Twitter, o Facebook, o Youtube e o Vimeo.

A partir da análise, podemos observar que o Facebook e o Twitter servem principalmente como ferramentas para a distribuição do conteúdo publicado inicialmente no blog, enquanto o Vimeo e o Youtube servem como instrumentos para hospedar vídeos que estão incorporados em publicações do blog Enlace Zapatista.

2.1.1 O blog

O blog Enlace Zapatista conta com três principais colunas de conteúdo, sendo elas: a) Juntas de Buen Gobierno: comunicados de las JBG; b) Comunicados: CCRI-CG del EZLN e c) Abajo y a la Izquierda: Palabras de CNI y pueblos originarios.

A primeira, é composta principalmente por temas de denúncias e demandas que partem das Juntas de Buen Gobierno, que representam os territórios zapatistas. Seu conteúdo não é atualizado desde junho de 2015.

Por sua vez, a sessão de Comunicados: CCRI-CG del EZLN é composta por anúncios do Comité Clandestino Revolucionário Indígena - Comando Geral, que é considerado a instância máxima de poder do EZLN. Dentre as colunas, esta é a que

é atualizada com maior frequência. Aqui os textos expõem uma particularidade, uma vez que são assinados por duas vozes diferentes, sendo elas o CCRI-CG e os Subcomandantes: os comunicados assinados pelo CCRI-CG assumem um tom mais objetivo, racional e que se aproximam de outros manifestos políticos. Por sua vez, os comunicados assinados pelo Subcomandante Marcos, pelo Subcomandante Moisés, Subcomandante Galeano, entre outros, possuem uma linguagem mais livre, coloquial, poética, que utiliza recursos como sarcasmo e metáforas, além de possibilitarem interpretações mais livres (PERIS, 2018).

Essas se tornam as principais vozes do Exército Zapatista de Libertação Nacional, o que proporciona, segundo Peris (2018, p. 16), a possibilidade de alterná-las e “se dirigir ao mundo por meio de vozes diferenciadas, sendo uma delas mais oficial e solene, [...] enquanto a outra possui maiores cotas de liberdade expressiva, profundidade e personalidade discursiva”.

Por fim, a terceira coluna de conteúdo do site é a *Abajo y a la Izquierda: Palabras de CNI y pueblos originarios*. Nela, o conteúdo é assinado pelo ‘*Congreso Nacional Indígena*’, que foi criado em outubro de 1996 como sugestão do EZLN, a fim de ser um espaço para discussões, solidariedade, encontro e fortalecimento das lutas dos povos indígenas mexicanos³⁴. O espaço aberto para divulgação de materiais do CNI reforça a ligação do movimento com as populações indígenas que compõem sua base.

O Enlace Zapatista apresenta-se como o recurso mais consolidado e utilizado pelo EZLN, especialmente na sessão *Comunicados: CCRI-CG del EZLN*. É por lá que os comunicados são divulgados, a princípio em espanhol e com o passar do tempo ganham traduções entre 3 e 10 línguas, feitas por voluntários e apoiadores do movimento. Por meio disso, demonstra-se que o EZLN também busca dialogar com o público externo apoiador.

A seção de comentários no blog está aberta, então é possível deixar mensagens, desde que as registre com o nome e o e-mail. Os comentários não são publicados automaticamente, segundo o próprio site para “evitar mensagens insultantes, spam, propagandas e ataques com vírus”.

³⁴ Ainda que o Congreso Nacional Indígena tenha surgido a partir de uma proposta do EZLN, é necessário pontuar que os povos indígenas do México já se organizavam por meio de outros congressos desde o início da década de 40 (GOMES e BENZAQUEN, 2018).

O site também informa que a seção de comentários é reservada para aderentes registrados e simpatizantes da Sexta Declaração da Selva Lacandona, e que outros contatos devem ser feitos por e-mail. Assim como um aviso de que aqueles que não estão de acordo com ela possuem a liberdade de escrever comentários em qualquer outro lugar da internet.

No site existem todos os comunicados publicados desde 1994. Há também convites para eventos organizados em territórios zapatistas ou organizados por integrantes e/ou simpatizantes e um link direcionando ao site da Rádio Rebelde Zapatista [<https://radiozapatista.org/>].

Muitos dos comunicados publicados têm ganchos com acontecimentos e manifestações do grupo, como por exemplo uma denúncia anexada ao site, chamada de “*Los zapatistas denuncian el secuestro de un base de apoyo por paramilitares de la Orcao*”³⁵, referente a uma denúncia de sequestro de um dos integrantes do grupo, ou o “*Por coronavirus el EZLN cierra Caracoles y llama a no abandonar las luchas actuales*”³⁶, a respeito das ações tomadas pelo movimento para evitar a propagação e o contágio pelo Covid-19.

Portanto, não existe uma frequência específica para a publicação. Para fins de ilustração, no gráfico abaixo (Gráfico 1) é possível ver a periodicidade de publicação no blog no período de dois anos, entre fevereiro de 2019 e fevereiro de 2021.

GRÁFICO 1 – PUBLICAÇÕES MENSAIS NO BLOG ENLACE ZAPATISTA



FONTE: A autora (2021).

³⁵ Disponível em:

<<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/11/10/los-zapatistas-denuncian-el-secuestro-de-un-base-de-apoyo-por-paramilitares-de-la-orcao/>> Acesso em: 22 mar. 2021

³⁶ Disponível em:

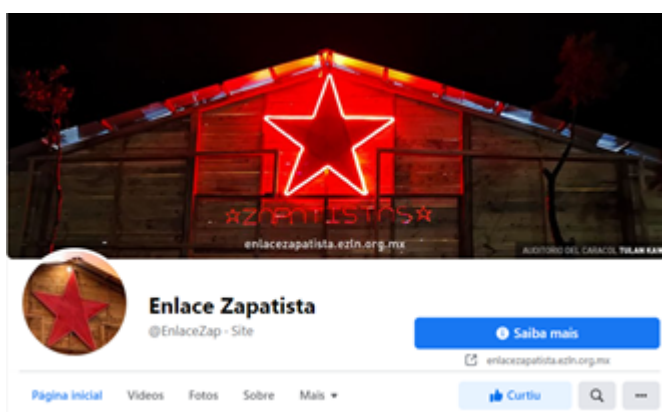
<<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/03/16/por-coronavirus-el-ezln-cierra-caracoles-y-llama-a-no-abandonar-las-luchas-actuales/>> Acesso em: 22 mar. 2021

Nota-se uma frequência maior de publicações em dezembro de 2019. Dos nove textos publicados naquele mês, oito se referem a eventos, como festivais de cinema, dança e fóruns de discussão, promovidos pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional. O outro é sobre o 26º aniversário do levante de primeiro de janeiro de 1994.

Observa-se também um longo período sem publicações no blog, entre abril e setembro de 2020.

2.1.2 A página do Facebook

FIGURA 3 – PERFIL E CAPA DA PÁGINA ENLACE ZAPATISTA



FONTE: Facebook (2021)

Até julho de 2021, sob o nome de Enlace Zapatista³⁷ a página do Facebook do EZLN contava com 152.319 *likes* e 156.891 seguidores. O conteúdo vinculado na página é majoritariamente de links externos que redirecionam para comunicados do blog Enlace Zapatista (Figura 2), pequenas notas relacionadas a eventos (Figura 3) ou *flashes* de informações (Figura 4).

³⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/EnlaceZap/>> Acesso em: 22 mar. 2021

FIGURA 4 – REDIRECIONAMENTO PARA O BLOG



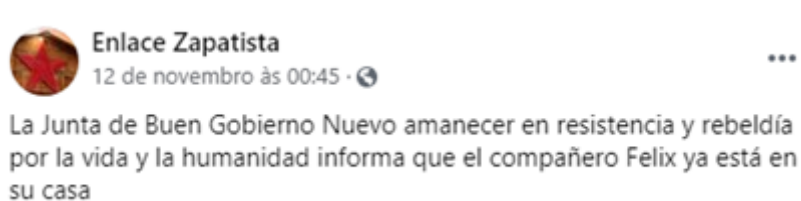
FONTE: Facebook (2020)

FIGURA 5 – PEQUENA NOTA



FONTE: Facebook (2020)

FIGURA 6 – FLASH DE INFORMAÇÃO



FONTE: Facebook (2020)

A página foi criada em 10 de março de 2011. O engajamento com as publicações flutua entre os posts. No que é possível observar, mantém-se uma quantidade alta de compartilhamento em quase todas as publicações (uma média de 400 compartilhamentos por post), porém baixo número de comentários (a maior parte das publicações não possuem comentários).

A variação entre curtidas e reações é alta entre as publicações, mas ficam entre 100 e 200. É possível encontrar registros de posts com mais de 2.000 reações e outros com cerca de 100.

Os posts que se destacam em quantidade de engajamento, tanto em reações, comentários e compartilhamentos são considerados *outliers*, ou seja, posts com números de engajamento que se diferenciam da frequência média dos demais.

2.1.3 O perfil do Twitter

FIGURA 7 – Perfil @notienlace



FONTE: Twitter (2021)

O perfil do Twitter do EZLN, encontrado como @notienlacezap, foi criado em fevereiro de 2010. Até julho de 2021 a conta possuía 37,7 mil seguidores, seguia seis perfis e tinha 6.790 tweets. O conteúdo publicado é majoritariamente de fotos, geralmente uma foto por tweet e sem legenda, e de links redirecionando ao blog Enlace Zapatista. O perfil não é verificado, condição oferecida pela própria plataforma e que informa às pessoas que uma conta de interesse público é autêntica.

2.1.4 O canal do Youtube

O canal EnlaceZapatistaTV³⁸ foi criado em 9 de abril de 2011, e até julho de 2021 contava com 8,32 mil inscritos e possuía 1.528.097 visualizações.

No total, foram publicados 24 vídeos, sendo o primeiro em 31 de julho de 2017 e o último em 3 de janeiro de 2020. Todos os vídeos publicados até então estão com os comentários desabilitados. Há também o registro de 8 transmissões ao vivo, entre 12 de abril de 2017 e 17 de junho de 2017.

Os vídeos, com exceção das transmissões ao vivo, são majoritariamente gravações feitas por celular ou equipamento semelhante, de situações como protestos, marchas ou apresentações artísticas. Excepcionalmente há um vídeo da animação do personagem Speedy González e de um vídeo com colagens de imagens de cartazes de cinema antigo junto a uma música, neste a descrição informa que é para o festival de cinema “*Puy ta Cuxlejaltic*”.

2.1.5 O perfil do Vimeo

Na plataforma de vídeos Vimeo, sob o nome de Enlace Zapatista³⁹, o perfil existe desde junho de 2015, e até julho de 2021 contava com 220 seguidores e 64 vídeos publicados. A conta na plataforma indica que o perfil possui uma assinatura paga “plus”, que permite um maior armazenamento.

Assim como no Youtube, a maior parte dos vídeos são gravações feitas por celular ou equipamento semelhante, de situações como protestos, marchas ou apresentações artísticas. Porém no Vimeo as atualizações de publicações são mais recentes, quando comparadas com as do Youtube.

2.2 DOS QUESTIONAMENTOS A PARTIR DAS REDES DO EZLN

Como é possível notar, os canais de comunicação do Exército Zapatista de Libertação Nacional se retroalimentam. Sendo, entre eles, o blog Enlace Zapatista o

³⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/EnlaceZapatistaTV>> Acesso em: 22 mar. 2021

³⁹ Disponível em: <<https://vimeo.com/user41793840>> Acesso em 22 mar. 2021

meio central, uma vez que os perfis nas redes sociais redirecionam o conteúdo para o site.

Nas plataformas das redes sociais o engajamento é baixo, o que nos leva às perguntas: como e com quem o EZLN se comunica atualmente? Se, como apresentado, a interação com os usuários das redes digitais não é estimulada, de que forma o grupo mobiliza suas pautas no espaço digital?

2.3 MOBILIZAÇÃO NAS REDES E A LÓGICA CAPITALISTA

Com o início da utilização do espaço digital por movimentos sociais como ferramenta de ativismo – especialmente por conta da experiência zapatista –, as preocupações dos estudos de ativismo se voltaram à virtualização dos protestos, à perda da centralidade do corpo dentro das práticas ativistas, e qual a dimensão real e a dimensão virtual das mobilizações (TRERÉ, 2016).

Para Treré (2016) esse período, marcado entre 1994 até a primeira metade de 2000, pode ser considerado a primeira fase dos estudos das dinâmicas do ciberativismo. O autor reforça que nesse estágio marcava-se uma divisão muito forte entre os âmbitos de mobilização, “como se os protestos mediados por tecnologias fossem menos autênticos e mais evanescentes, enquanto os protestos presenciais eram “reais” e mais concretos” (Idem, p. 42, tradução livre)⁴⁰.

Após esse período se inicia uma segunda fase, que ocorre paralelamente com a ascensão da Web 2.0 e das redes sociais, na qual se supera a dicotomia entre “real vs. virtual”, uma vez que se reconhece a retroalimentação entre as duas coisas. Esses espaços, que antes eram vistos como distintos, passam a ser interpretados como “dimensões conectadas e entrelaçadas de um mesmo mundo social” (Idem, p. 47).

Segundo Castells (2007), os novos movimentos sociais da era digital não são isoladamente digitais. Apenas considera-se que “se perderam na dimensão online, mas ao invés disso se movem e realizam suas atividades ao mesmo tempo entre os espaços dos fluxos digitais e o espaço físico dos lugares” (TRERÉ, 2016, p.47).

⁴⁰ No original, em espanhol: “Como si las protestas mediadas por tecnologías fueran menos auténticas y más evanescentes, mientras que las protestas de plaza eran “reales” y más concretas.”

Além disso, essa segunda onda se empenha em discutir os perigos trazidos junto com as meio digitais – como a vigilância, a falta de privacidade, entre outros aspectos. Se essa nova geração da internet possibilitava uma maior flexibilidade, apareciam também novos problemas a serem observados.

Nesse sentido, Dean (2014) afirma que os aspectos negativos das redes sociais devem ser analisados principalmente a partir do ponto de vista do capitalismo. Segundo a autora, a reflexão é necessária pois o otimismo não crítico da Web 2.0 é uma ideologia que atende aos interesses corporativos. Desse modo, para tratar sobre o tema, a autora se aprofunda através do conceito de “capitalismo comunicativo”.

Capitalismo comunicativo refere-se à forma de capitalismo tardio em que os valores proclamados como centrais para uma democracia se materializam nas tecnologias de comunicação em rede. Ideais de acesso, inclusão, discussão e participação são realizados por meio de expansões, intensificações e interconexões das telecomunicações globais. No capitalismo comunicativo, a produtividade capitalista deriva de sua expropriação e exploração dos processos comunicativos. [...] A comunicação serve ao capital, seja nas formas afetivas de cuidado aos produtores e consumidores, nas mobilizações de compartilhamentos e expressões como instrumentos de “relações humanas” no ambiente de trabalho, ou na contribuição para os circuitos onipresentes da mídia. (DEAN, 2014, p. 4, tradução livre)⁴¹

Para Dean (2009), a dominância do neoliberalismo dentro do capitalismo comunicativo ocorre principalmente a partir do momento que este possibilita as condições para, nos termos lacanianos usados pela autora, a substituição das Identidades Simbólicas pelas Identidades Imaginárias.

Em outras palavras, o capitalismo comunicativo “não fornece identidades simbólicas, locais a partir dos quais podemos nos ver. Em vez disso, oferece em seu lugar novas maneiras de me imaginar, uma imensa variedade de estilos de vida com os quais posso experimentar” (DEAN, 2009, p. 63, tradução livre)⁴².

Para a autora, a lógica neoliberal da web 2.0 se manifesta também na lógica de consumo e atuação nas redes sociais, que pode ser traduzida, como “um

⁴¹ No original, em inglês: “Communicative capitalism refers to the form of late capitalism in which values heralded as central to democracy materialize in networked communications technologies. Ideals of access, inclusion, discussion and participation are realized through expansions, intensifications and interconnections of global telecommunications. In communicative capitalism, capitalist productivity derives from its expropriation and exploitation of communicative processes. [...] Communication serves capital, whether in affective forms of care for producers and consumers, the mobilization of sharing and expression as instruments for “human relations” in the workplace, or contributions to ubiquitous media circuits.”

⁴² No original, em inglês: “[...] does not provide symbolic identities, sites from which we can see ourselves. Rather, it offers in their place new ways for me to imagine myself, an immense variety of lifestyles with which I can experiment.”

ambiente de comunicação sem comunicabilidade” (DEAN, 2014, p. 6), no qual chega-se a subverter a concepção clássica de “mensagem”, uma vez que a ideia de “mensagem” enquanto algo enviado por um falante a um receptor a fim de obter uma resposta desse receptor, é substituída pela simples ação de contribuição para a circulação de conteúdo.

Ao contrário de uma mensagem, que precisa ser entendida, uma contribuição é apenas um acréscimo. Alguém contribui com sua opinião ou ideia para qualquer discussão que esteja ocorrendo. Esta característica aditiva da contribuição depende de uma equivalência comunicativa fundamental. Como contribuição, cada mensagem é comunicativamente igual a qualquer outra. O que importa não é o que foi dito, mas sim que algo foi dito. Nenhuma opinião ou julgamento vale mais do que qualquer outro (cada um conta como um comentário no meu blog, um like, um tweet). Cada um adiciona algo ao fluxo. Fatos, teorias, julgamentos, opiniões, fantasias, piadas e mentiras circulam indiscriminadamente. (DEAN, 2014, p. 6, tradução livre)⁴³

Dessa forma, a autora afirma que o próprio sentido de relacionalidade e de pertencimento foram cooptadas pelo capitalismo. A participação nesse ambiente de comunicação sem comunicabilidade esvazia não apenas o conteúdo e o significado do que é dito, mas também de afetos, e dessa maneira o capitalismo comunicativo abre novos caminhos para a exploração (Idem, p. 9).

Este declínio na capacidade de transmitir significado, de simbolizar além de um discurso limitado ou imediato, de um contexto local, caracteriza a reconfiguração da comunicação em uma forma primariamente econômica. A produção comunicativa é mais para a circulação do que para o uso (recebendo atenção, não promovendo o entendimento). Palavras e imagens circulam, mas o fazem desprovidos de significado. (DEAN, 2014, p. 12, tradução livre)⁴⁴

Como visto no primeiro capítulo desta pesquisa, a comunicação zapatista é consolidada especialmente em dois pilares, sendo eles o uso da internet e a consolidação de uma estética por meio de símbolos. No momento em que o segundo desses fatores enfrentou uma tentativa de apropriação por parte do capitalismo ocorreu uma reação do EZLN contra este movimento de mercantilização.

⁴³ No original, em inglês: “Unlike a message, which needs to be understood, a contribution is just an addition. One contributes one’s opinion or idea to whatever discussion is going on. This additive feature of the contribution depends on a fundamental communicative equivalence. As a contribution, each message is communicatively equal to any other. What matters is not what was said but rather that something was said. No opinion or judgment is worth more than any other (they each count as one comment on my blog, one like, one tweet). Each adds something to the flow. Facts, theories, judgments, opinions, fantasies, jokes, and lies circulate indiscriminately.”

⁴⁴ No original, em inglês: “This decline in a capacity to transmit meaning, to symbolize beyond a limited discourse or immediate, local context, characterizes communication’s reconfiguration into a primarily economic form. Communicative production is for circulation more than use (getting attention not furthering understanding). Words and images circulate, but they do so shorn of meaning.”

Dessa forma, questiona-se: de que forma o Exército Zapatista de Libertação Nacional se posiciona em relação ao uso das redes sociais, sendo que estas apresentam, atualmente, uma lógica de atualização e consumo neoliberal?

3 FALAR COM E PARA QUEM? AS ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS DO EZLN NAS REDES

O objetivo dessa pesquisa é compreender como o Exército Zapatista de Libertação Nacional explora a comunicação via internet 27 anos depois do levante que o apresentou ao mundo em janeiro de 1994, tendo, na época, apresentado grande novidade no uso dos meios digitais para comunicação de movimentos sociais.

Para isso, foi realizado um mapeamento do blog Enlace Zapatista e dos perfis nas redes sociais utilizadas pelo EZLN, sendo elas o Twitter, Facebook, Youtube e Vimeo. O levantamento permitiu observar que o movimento zapatista utiliza o blog como principal meio de comunicação, enquanto as redes sociais reproduzem os conteúdos e redirecionam para o site Enlace Zapatista.

Em seguida propõe-se uma análise dos assuntos abordados no blog, a partir dos conceitos de enquadramento e alinhamento de quadros estabelecidos por Benford e Snow (2000), a fim de compreender quais são os quadros mobilizados por meio do conteúdo publicado, como eles interagem e de que forma essa estratégia de comunicação está sendo desenvolvida.

Benford e Snow (2000) sugerem três categorias a fim de classificar estratégias dentro de um discurso. São elas: diagnóstico, prognóstico e motivação.⁴⁵ Segundo os autores, o diagnóstico atua como o esforço de identificar as causas do problema, o seu “adversário”. Enquanto o prognóstico envolve a estratégia para uma solução. Por sua vez, a motivação é a chamada para a ação.

Os autores identificam também quatro alinhamentos básicos para classificação, que descrevem de que forma esses quadros são comunicados: *frame bridging*, *frame amplification*, *frame extension*, e *frame transformation* (2000, p. 624).

Segundo Benford e Snow, o *frame bridging* se refere à ligação entre dois problemas que são ideologicamente congruentes, mas estão estruturalmente desconectados, de modo que formam uma aliança por interseccionalidade. Enquanto o *frame amplification* envolve a idealização, esclarecimento ou fortalecimento de valores ou crenças existentes em um quadro. Por sua vez, o *frame extension* representa os interesses prolongados de um movimento social, no qual

⁴⁵ No original, definidos como “diagnostic framing”, “prognostic framing” e “motivational framing.”

inclui problemas e temas importantes para simpatizantes ou possíveis participantes do movimento que não estavam previstos no quadro inicial e são incorporados no processo de interação com outros atores. Por fim, o *frame transformation* se refere a mudança e/ou a geração de novos entendimentos, significados e atribuições.

Essa metodologia já foi utilizada por diversos estudos de análise, entre eles os enquadramentos do movimento “Não vai ter Copa” no Facebook, dos pesquisadores Kleina e Prudencio (2017); no enquadramento da mobilização dos Pontos de Cultura em situação de confronto com a gestão do Ministério da Cultura em 2011, de Leite (2014) e os enquadramentos da bicicletada em Curitiba, de Lira (2016).

3.1 SELEÇÃO DO MATERIAL E HIPÓTESES

O período de material selecionado para a pesquisa vai de fevereiro de 2019 a fevereiro de 2021. O intervalo foi escolhido pois representa os dois anos mais recentes durante a elaboração deste trabalho, assim como agrupa conteúdo o suficiente para a análise.

Nesse intervalo de dois anos, foram encontradas 47 publicações na sessão a ser analisada “Comunicados: CCRI-CG del EZLN”, sendo que 34 delas encontram-se no período entre fevereiro de 2019 e fevereiro de 2020 e as outras 13 no período de março de 2020 a fevereiro de 2021. Todas as publicações analisadas estão disponíveis no site Enlace Zapatista.

Supõe-se que o EZLN ainda explora as redes sociais de maneira bastante tímida, porém isso pode se justificar a partir da compreensão abordada anteriormente de que a lógica de atualização das redes existe e se baseia em um ideal neoliberal, que é combatido pelo movimento.

A expansão e intensificação das redes de comunicação e entretenimento geram não democracia, mas algo totalmente diferente: o capitalismo comunicativo. [...] Precisamente aquelas tecnologias que materializam uma promessa de pleno acesso político e inclusão impulsionam uma formação econômica cujas brutalidades tornam a democracia inútil para a maioria das pessoas. (DEAN, 2003, p. 102-103, tradução livre)⁴⁶

⁴⁶ No original, em inglês: “The expansion and intensification of communication and entertainment networks yield not democracy but something else entirely: communicative capitalism. [...] Precisely those technologies that materialize a promise of full political access and inclusion drive an economic formation whose brutalities render democracy worthless for the majority of people”

Outras pesquisas que abordam as micromobilizações de movimentos sociais na internet a partir da perspectiva de Benford e Snow (2000) mostram que a tendência entre esses agentes é que “na internet, a comunicação desses grupos tenta conseguir a adesão de novos simpatizantes, mas atua principalmente como reforço dos vínculos entre os indivíduos já mobilizados” (PRUDENCIO, 2014, p. 90).

Resultados da análise de Prudencio (2014), que trabalhou com o alinhamento de quadros de cinco mobilizações de atores sociais diferentes, mostram que os movimentos com pretensão de mobilização da sociedade em um geral – e não apenas de classes sociais ou profissionais específicas – estabelecem uma relação de proximidade com quadros motivacionais, a fim de conseguir adesão e incentivo para ação política.

Assim como em Kleina (2016), em análise a campanha “Não Vai Ter Copa” em páginas no Facebook, o recurso motivacional aparece com frequência, especialmente como forma de chamada para ação presencial. Neste caso o autor afirma que o Facebook assume o papel de difusão do quadro de motivação e consequentemente ocorre a associação predominante de *amplification* (p. 157).

Por meio da análise de quadros, Prudencio (2020, p. 202) identifica que o ativismo digital de perfis progressistas apresenta uma política de fortalecimento dos vínculos internos e construção do pertencimento ao grupo. Dessa forma, pretende-se verificar se a situação se repete no caso do EZLN.

Portanto supõe-se que o EZLN tende a repetir o padrão de outros movimentos e apresente quadros motivacionais, associados especialmente ao *frame amplification*.

É preciso compreender de que forma a ação de comunicação utilizada pelo EZLN evolui e se ela afeta diretamente a efetividade da comunicação do movimento, para, por meio da análise, entender como o Exército Zapatista de Libertação Nacional explora a internet hoje.

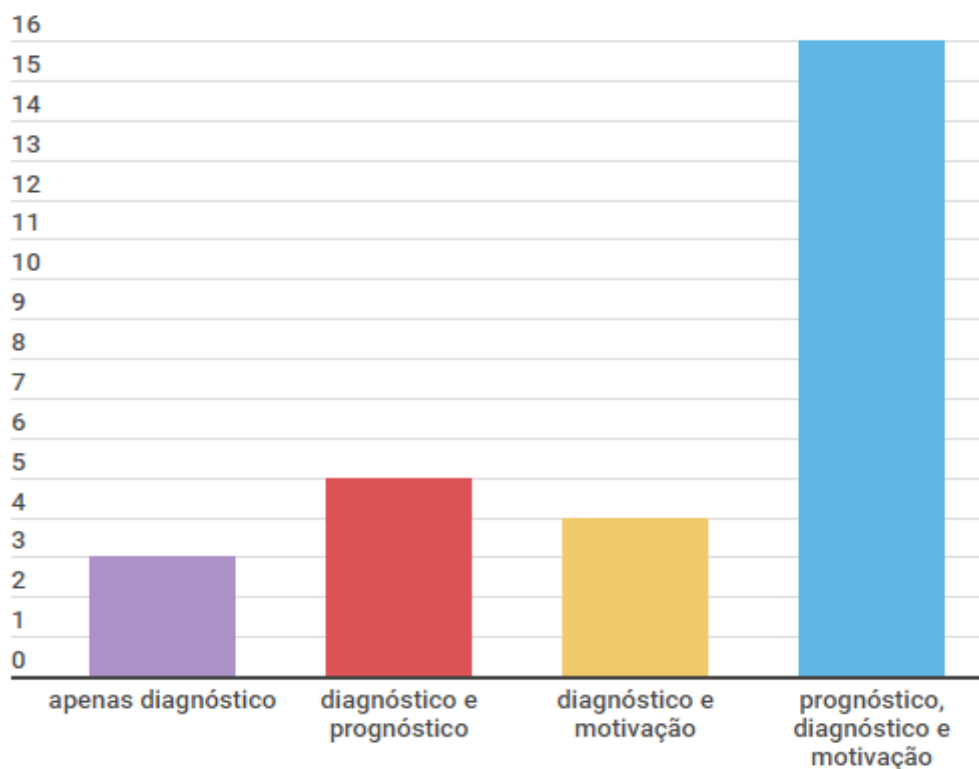
3.2 SOBRE A ANÁLISE DO MATERIAL

Das 47 publicações difundidas na sessão “Comunicados: CCRI-CG del EZLN” no período de fevereiro de 2019 a fevereiro de 2021, dezenove foram descartadas por não se encaixarem na proposta da pesquisa. Entre as descartadas estão cinco publicações apenas com fotografias ou vídeos, cinco publicações que apresentam apenas a programação de eventos específicos e nove crônicas

ficcionalis que não apresentam elementos específicos ou o suficiente para a realização de um enquadramento.

As 28 publicações catalogadas e analisadas apresentaram o quadro de diagnóstico. Em 20 apareceu também o quadro de prognóstico e em 19 o quadro de motivação. Associados, a combinação entre diagnóstico e motivação apareceu em 4 publicações. Por sua vez, a associação entre diagnóstico e prognóstico apareceu em 5 publicações. Prognóstico e motivação em nenhuma. Apenas diagnóstico em 3. E os três quadros – prognóstico, diagnóstico e motivação –, em 16, sendo essa a maioria registrada (Gráfico 2).

GRÁFICO 2 – FREQUÊNCIA DE QUADROS ASSOCIADOS



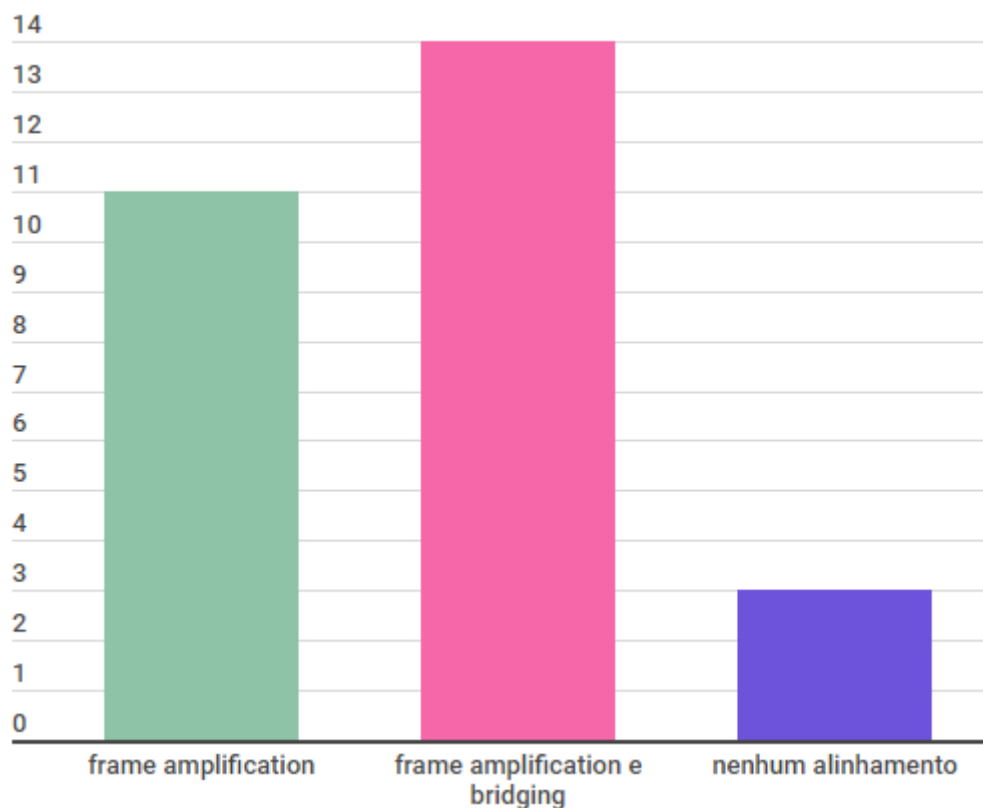
Fonte: a autora (2021)

Em relação a presença dos alinhamentos nas publicações analisadas, o *frame amplification* aparece 25 vezes e *frame bridging* 14. Por sua vez, o *frame extension* e o *frame transformation* não ocorrem em nenhuma das publicações.

Quando associados a frequência dos alinhamentos aparecem como 11 apenas *frame amplification*, 14 registram *frame amplification* e *bridging*. Três

publicações não registraram nenhum alinhamento específico. Nenhuma das publicações apresenta apenas frame bridging (Gráfico 3).

GRÁFICO 3 – FREQUÊNCIA DE ALINHAMENTOS



Fonte: a autora (2021)

Os quadros e alinhamentos presentes nas 28 publicações catalogadas aparecem da seguinte maneira:

Tabela 1: Quadros e alinhamentos

QUADROS	ALINHAMENTOS
Diagnóstico	1 amplification
	1 bridging + amplification
	1 nenhum
Diagnóstico + Motivação	1 amplification
	3 amplification + bridging
Diagnóstico + Prognóstico	4 amplification
	1 nenhum

Diagnóstico + Prognóstico + Motivação	5 amplification
	10 amplification + bridging
	1 nenhum

Fonte: a autora (2021)

3.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da análise nota-se a constante da presença do alinhamento por *frame amplification* associado majoritariamente ao quadro de diagnóstico, o que revela um reforço dos ideais do movimento, a partir da identificação de adversários e/ou problemas.

FIGURA 8 – TRECHO DE COMUNICADO ZAPATISTA COM PRESENÇA DE AMPLIFICATION ASSOCIADO A DIAGNÓSTICO ⁴⁷

En realidad, la autodenominada "Cuarta Transformación" inició con Miguel de la Madrid Hurtado, se profundizó con Carlos Salinas de Gortari, siguió su guerra de conquista con Ernesto Zedillo Ponce de León, Vicente Fox Quezada, Felipe Calderón Hinojosa y Enrique Peña Nieto; y ahora continúa con el proyecto transexenal de Andrés Manuel López Obrador y el Partido Movimiento de Regeneración Nacional. Para los pueblos originarios el único "cambio verdadero" es el aumento de las mentiras, los engaños, las persecuciones, las amenazas, los encarcelamientos, el despojo, los asesinatos, las burlas y desprecios, la explotación humana y la destrucción de la naturaleza; en suma: el aniquilamiento de la vida colectiva que somos.

Eso que necesitan quienes orquestan la destrucción del mundo lo tenemos los pueblos, y lo vamos a defender de su transformación capitalista con nuestra resistencia y rebeldía, aunque, como lo estamos viendo, nos enfrentemos a la trama militar de dominación y represión que tiene al capital como estandarte, que lo mismo recurre a cuerpos policíacos, militares, grupos de choque, carteles de la droga y paramilitares.

El mal gobierno federal se para sobre los estragos dejados por décadas de neoliberalismo, profundizando el desprecio y el racismo para poder despojar a los pueblos originarios. Busca la indiferencia y a ella se dirige para preguntarle si está o no de acuerdo en la destrucción a la que viste de «progreso». O sea, sus supuestas consultas no son más que la cosecha del odio y el miedo dejados por el capitalismo neoliberal. Esa cosecha es llamada "democracia".

FONTE: Blog Enlace Zapatista (2021)

⁴⁷ Disponível em

<<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2019/03/06/samir-vive-la-lucha-sigue-pronunciamento-de-la-tercera-asamblea-nacional-del-congreso-nacional-indigena-el-concejo-indigena-de-gobierno-y-el-ezln/>>

Acesso em 1 set. 2021

O resultado difere dos estudos anteriores sobre comunicação digital de movimentos sociais. Isso ocorre por conta da natureza do Exército Zapatista de Libertação Nacional, que tem como principal bandeira o anticapitalismo e a autogestão. Sendo assim, a identificação dos principais adversários – como o próprio capitalismo, o liberalismo, o “mau governo” –, aparece de mãos dadas com a acentuação dos ideais zapatistas.

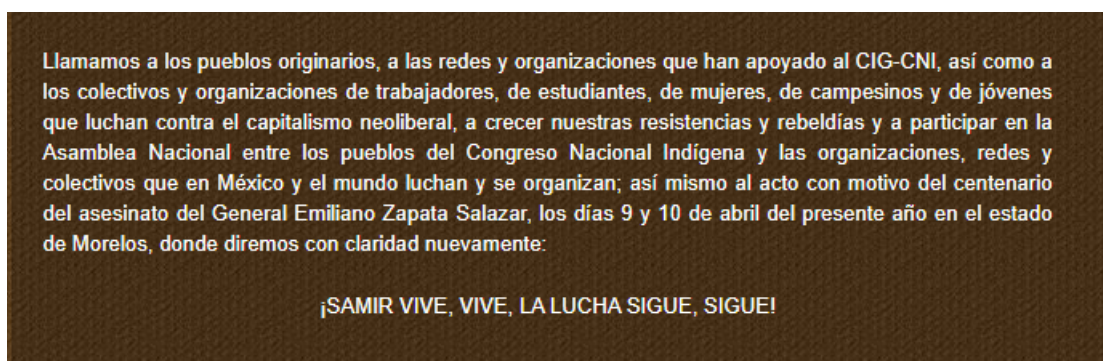
São colocados como “adversários” o 4T, também chamado de “Cuarta Transformación”⁴⁸, o sistema capitalista, o neoliberalismo, o sistema eleitoral, grupos paramilitares da região, o governo (sempre chamado pelo EZLN por “*el mal gobierno*”), alguns partidos políticos, o próprio presidente Andrés Manuel López Obrador, entre outros. Denúncias são frequentes nas publicações, sendo elas majoritariamente de sequestros e torturas de integrantes do EZLN por parte de grupos paramilitares.

Os resultados subvertem parcialmente a hipótese ao mostrar que as publicações do EZLN apresentam uma tendência diferente da que outros movimentos sociais refletem no uso da internet para comunicação, descrita anteriormente. Enquanto o quadro motivacional se destaca na mobilização de outras organizações, em relação ao conteúdo publicado pelo EZLN ele aparece em posições secundárias.

Ou seja, apesar do quadro motivacional estar presente nas publicações zapatistas, ele não é necessariamente o objetivo principal da difusão. Esse cenário se destaca especialmente quando comparado com o quadro de diagnóstico, que apareceu em posição de notoriedade em todas as postagens.

⁴⁸ A 4T é uma das promessas da campanha do presidente mexicano Andrés Manuel López Obrador. Os zapatistas consideram que o projeto se constrói em cima da derrota dos indígenas.

FIGURA 9 – TRECHO DE COMUNICADO ZAPATISTA COM PRESENÇA DE QUADRO MOTIVACIONAL⁴⁹



FONTE: Blog Enlace Zapatista (2021)

Dessa forma, quando se manifesta, o quadro motivacional majoritariamente surge como uma convocação direta para ação. Assim como em algumas ocasiões aparece como forma de proposição de construção de debate além das redes, por meio do incentivo da realização de grupos de discussões, inclusive internacionais, sobre temas que orbitam próximos à narrativa zapatista. Reiterando assim a visão proposta por Castells (2007), segundo a qual o espaço virtual e o espaço real se retroalimentam, no sentido de existirem e desenvolverem atividades em ambos ambientes.

Pode-se considerar também que a chamada para ação presencial estar em posições secundárias no conteúdo tenha sido impactada pelo período de tempo selecionado para a pesquisa, uma vez que uma parte do material analisado foi publicado durante a pandemia do coronavírus. Esta suposição não pôde ser confirmada devido ao curto tempo disponível para a pesquisa, uma vez que dependeria da análise e classificação de um intervalo maior de publicações.

Nesse sentido, por meio do conteúdo é possível notar que o movimento se adaptou à impossibilidade de realização de grandes ações presenciais ao substituir as chamadas por outras ações coletivas, que, como pontuado, incluem o reforço para “não abandonar as lutas”, nem “perder o contato humano”, apenas mudar temporariamente as formas de fazê-lo.

⁴⁹ Disponível em

<<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2019/03/06/samir-vive-la-lucha-sigue-pronunciamiento-de-la-tercera-asamblea-nacional-del-congreso-nacional-indigena-el-concejo-indigena-de-gobierno-y-el-ezln/>>

Acesso em 1 set. 2021

FIGURA 10 – TRECHO DE COMUNICADO ZAPATISTA SOBRE AS NOVAS FORMAS DE AÇÕES POR CONTA DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS⁵⁰

SEXTO.- LLAMAMOS A NO PERDER EL CONTACTO HUMANO, SINO A CAMBIAR TEMPORALMENTE LAS FORMAS PARA SABERNOS COMPAÑERAS, COMPAÑEROS, COMPAÑEROAS, HERMANAS, HERMANOS, HERMANOAS.

LA PALABRA Y EL OÍDO, CON EL CORAZÓN, TIENEN MUCHOS CAMINOS, MUCHOS MODOS, MUCHOS CALENDARIOS Y MUCHAS GEOGRAFÍAS PARA ENCONTRARSE. Y ESTA LUCHA POR LA VIDA PUEDE SER UNO DE ELLOS.

FONTE: Blog Enlace Zapatista (2021)

A completa ausência do *frame transformation* e *frame extension* pode ser compreendida ao ponto que existe uma falta de interesse no debate com os opositores. Em um geral, os ideais zapatistas estão consolidados e se mantêm ao longo do tempo, desde a revolução de 94. Seus integrantes, simpatizantes e apoiadores compartilham uma mesma visão – ou no mínimo uma visão muito próxima. Portanto o foco dos seus debates se concentra na maneira de atuação em relação às suas ações e ocorre, geralmente, em um ambiente presencial.

Essa ausência de interesse no debate com o diferente (outros atores coletivos e adversários) é refletida também nas redes sociais e nos espaços de interação do blog, uma vez que não existem registros dos perfis oficiais respondendo interações de usuários.

Da mesma forma, há a orientação no campo de comentários do blog Enlace Zapatista que “a seção de comentários está reservada para os aderentes registrados e simpatizantes da *Sexta Declaración de la Selva Lacandona*. Qualquer outra comunicação deverá ser feita por e-mail. Para evitar mensagens insultantes, spam, propaganda, ataque com vírus, suas mensagens não são publicadas imediatamente. Qualquer mensagem que contenha alguma das categorias anteriores será apagada sem aviso prévio. Tod@s aqueles que não estão de acordo com a *Sexta Declaración de la Selva Lacandona* tem a liberdade de escrever seus comentários contra em qualquer outro lugar do ciberespaço”⁵¹.

⁵⁰ Disponível em

<<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/03/16/por-coronavirus-el-ezln-cierra-caracoles-y-llama-a-no-abandonar-las-luchas-actuales/>> Acesso em 1 set. 2021

⁵¹ Essa mensagem está disponível em todas as publicações no site Enlace Zapatista. Um *printscreen* dela está disponível na seção de Anexos desta pesquisa.

Esses são fatores que dificultam o *frame extension* e *frame transformation*, visto que são quadros que exigem abertura ao debate, o que não ocorre no espaço construído pelos zapatistas analisado.

A presença de mais de um quadro e de mais de um alinhamento em uma mesma publicação se justifica a partir da questão do tamanho e abrangência de cada um dos textos, que variam, mas em um geral são longos e abordam mais de um tema. Essa frequência nos mostra também que as publicações do EZLN apresentam um quadro completo, portanto, bastante coeso.

O EZLN pode ser considerado uma espécie de guarda-chuva para várias mobilizações, sendo elas especialmente a luta indígena, pela terra, pela defesa da natureza, pela independência e auto governabilidade, contra o capitalismo e o neoliberalismo. Todas essas pautas e reivindicações coexistem e se completam dentro da militância zapatista.

Nesse sentido, para Tischler “o anticapitalismo do zapatismo não separa o econômico do político e do cultural, mas, ao contrário, entende essas expressões como partes de uma relação complexa de “cabeças múltiplas”, unidas por uma lógica social desumanizante de exploração e dominação” (2018, p. 254, tradução livre)⁵².

Sendo assim, devido à interseccionalidade presente nos temas tratados pelo movimento existiu uma certa dificuldade para criar um limite entre o que fazia parte do reforço de um valor zapatista, portanto *frame amplification*, ou o que construía uma ligação entre duas questões ideologicamente congruentes, classificado como *frame bridging*.

Em relação ao conteúdo, este ainda segue a linha produzida pelo EZLN nos anos após o levante de 1994, indicada por Raiter e Muñoz (2000), de produções de relatos históricos e míticos, denúncias, discursos públicos, ordens e comunicados militares, cartas pessoais, projetos de lei, contos ficcionais e fantásticos, panfletos, poesias e fábulas.⁵³

⁵² No original, em inglês: “The anti-capitalism of zapatismo does not separate the economic from the political and the cultural but, rather, understands these expressions as parts of a complex relation of “multiple heads,” bound together by a dehumanizing social logic of exploitation and domination.”

⁵³ Nos Anexos da pesquisa encontram-se exemplos de conteúdos zapatistas produzidos logo após o levante de 1994 e conteúdos produzidos atualmente.

3.3.1 Considerações zapatistas em relação às redes sociais

No material analisado foram registradas manifestações diretas do EZLN em relação à lógica das redes sociais, de forma que essas considerações corroboram com os resultados desta pesquisa, especialmente no que diz respeito à correlação entre mídias digitais e capitalismo. De todo o conteúdo, três textos se destacam nesse sentido.

O primeiro deles é uma observação na publicação “*IMÁGENES DE LA RUPTURA DEL CERCO II (y último) DEL 17 DE AGOSTO DEL 2019*”⁵⁴ que conta com imagens em vídeo de uma ação zapatista. No texto, assinado por “Los tercios compas”⁵⁵, há uma observação de que um dos vídeos anexados provavelmente seja eliminado pelo Youtube.

Segundo o EZLN, a plataforma exige que se coloquem anúncios para a publicação dos vídeos, uma vez que ele utiliza a música “Somos Sur” de Ana Tijoux, uma cantora chilena-francesa, e Shadia Mansour, cantora palestina. Segundo o texto, por conta da utilização da música, o Youtube exige que ou se pague os direitos autorais, ou se aceite os anúncios no vídeo.

O texto afirma que “La Comisión Sexta não monetiza seus vídeos”. Diz ainda que “não iremos colocar anúncios, se não temos dinheiro para os tanques de água do novo caracol Tulan Kaw, há muito menos para pagar direitos autorais”. E faz também uma crítica direta ao algoritmo da plataforma citando exemplos, “deveria trabalhar melhor seu algoritmo maldito [...]”.

Como alternativa a exigência do Youtube o EZLN afirma que se a plataforma “derrubar” o vídeo, como já aconteceu outras vezes, eles colocam um vídeo novo, com as mesmas imagens, porém sem a música, e orientam o “espectador” a colocar o áudio separadamente quando assistir ao vídeo.

O texto finaliza com um tom de ironia, afirmando que “se o Sr. YouTube, como parte da campanha “fuck the zapatistas now”, derrubar a conta inteira, então

⁵⁴ Disponível em:

<<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2019/09/01/imagenes-de-la-ruptura-del-cerco-ii-y-ultimo-del-17-de-agosto-del-2019/>> Acesso em: 22 jul. 2021

⁵⁵ Segundo o EZLN ““Los Tercios Compas”, como seu nome indica, não são meios de comunicação, não são livres, nem autónomos, nem alternativos... mas são *compas*... são os meios de comunicação do EZLN e trabalham sempre que podem, o que é muito às vezes... eles revisam textos e imagens, fazem a coisa do ciberespaço.” (EZLN, 2014, tradução livre)

de jeito nenhum, voltaremos aos velhos tempos do Sistema de Televisão Intergaláctica Zapatista, “a única televisão que se lê” (Permissão número 69, pendente nas Juntas do Bom Governo – foi solicitada desde 1996, mas o caracol vai leentooo–).”

Por sua vez, o segundo texto, nomeado de “*Obertura: La realidad como enemiga*”⁵⁶, afirma que as redes sociais apenas são uma nova forma de manutenção de antigas tiranias. A publicação alega que se antes se apedrejava o diferente, agora se usam *tweets* e *dislikes*. E ainda, se as redes sociais são uma ferramenta para isso, elas não agem sozinhas, mas são parte de apenas um instrumento para a manutenção da violência das instituições do Estado.

O último texto, “*Quinta Parte: LA MIRADA Y LA DISTANCIA A LA PUERTA*”⁵⁷, traz as percepções em relação às redes sociais de maneira menos enfatizada, mas ainda assim com críticas diretas a suas lógicas. A publicação fala sobre a “tiranía das redes sociais”, e dá a entender que o usuário não tem escolha em relação ao conteúdo que consome e como o consome. O texto afirma que aplicativos digitais rapidamente olham, classificam, hierarquizam, julgam e sancionam, em oposição ao ser humano. E que as redes sociais condicionam o “destino do olhar” do usuário.

Em um exercício de reflexão o texto dá a entender que ver o que se fala na imprensa e nas redes sociais sobre determinadas lutas e causas é o oposto do que “ouvir” de fato as pessoas envolvidas. Ainda nessa reflexão, a publicação questiona se “você não se sente tentado a ver essas pessoas [da Palestina, Curdistão, Euskadi e Wallmapu, por exemplo] contando suas histórias, suas lutas, seus sonhos? Sim, eu sei, talvez seja melhor você recorrer à Wikipédia, mas não é tentador ouvi-la diretamente e tentar entendê-la?”.

Paradoxalmente, essas percepções mostram que o EZLN não acredita que as redes sociais sejam uma ferramenta para a adesão de novos simpatizantes. Nesse texto os zapatistas propõem às pessoas conhecer essas diferentes lutas e reivindicações, mas não consideram que as redes sociais sejam uma possibilidade para isso, muito pelo contrário. Dessa forma, eles estimulam os leitores a escutarem

⁵⁶ Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2019/08/11/obertura-la-realidad-como-enemiga/>>
Acesso em: 23 jul. 2021

⁵⁷ Disponível em:
<<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/10/09/quinta-parte-la-mirada-y-la-distancia-a-la-puerta/>>
Acesso em: 23 jul. 2021

essas causas, de vários lugares do mundo, mas se não pelas redes sociais, de que forma? Apesar da crítica, o EZLN não deixa claro a maneira para fazer isso “diretamente”; em outras palavras, não apresenta uma solução para esta questão.

Essas considerações confirmam a hipótese de que para o Exército Zapatista de Libertação Nacional as redes sociais, hoje, seguem uma lógica de atualização e consumo neoliberal, o que se opõe aos ideais do movimento e, portanto, não vão ceder às pressões por engajamento digital. Nesse sentido, o EZLN recusa essa lógica e sua comunicação não adere ao que os outros acabam por fazer em nome de uma repercussão midiática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadros e alinhamentos presentes nas publicações do site Enlace Zapatista no período proposto para a análise partem do princípio que os usuários que acompanham o blog já possuem entendimento do que é reforçado nas postagens, em outras palavras o EZLN utiliza o espaço principalmente para anunciar e registrar a sua existência. Não se preocupa com a dimensão da visibilidade – geralmente alcançada por uma projeção midiática – em razão e coerência com seus princípios anticapitalistas. Com isso, essa estratégia de comunicação limita a dimensão da discutibilidade – a entrada de suas pautas e demandas na esfera pública –, diminuindo assim as chances de participar da troca pública de argumentos (HABERMAS, 1993).

Se a mobilização política se produz em torno de um objetivo a partir da convocação de vontades na busca de um propósito comum, com um projeto de futuro, o ato de comunicação parte de um imaginário convocante (TORO e WERNECK, 2007). A comunicação do EZLN nas redes digitais convoca apenas aqueles que já estão convocados. Segundo os autores, as funções da comunicação numa mobilização são a) manter a coerência e a coesão, b) verificação constante da pertinência de seus propósitos, c) legitimação do discurso por agentes reconhecidos, d) divulgação de suas ações para fora da mobilização e e) ampliar a base de apoio ao movimento – que depende da interação com outros atores sociais. O EZLN cumpre quase todas elas; a penúltima cumpre parcialmente com a manutenção do blog como registro de suas ações e a última não cumpre, uma vez que parece não existir o interesse em explorar para além dos aliados já tradicionais. A opção por recusar a lógica das redes digitais afasta o movimento de outros grupos na sociedade e do sistema político.

Isso tem relação com o princípio da autonomia pretendido pelo EZLN, uma vez que o movimento se orienta pela ideia de democracia direta, como visto anteriormente. Nesse sentido, ocorre uma incompatibilidade entre as práticas contemporâneas de comunicação política – já que envolvem a relação sociedade e Estado – e o ideal de autonomia do EZLN. Para o Exército Zapatista essa relação prejudica politicamente o movimento, que busca manter a coesão, mas ao mesmo tempo pode apontar uma forma muito específica de estratégia comunicacional.

O EZLN, ao recusar participar do jogo político no capitalismo, aponta para a necessidade de mais pesquisas sobre as formas de comunicação dos movimentos sociais contemporâneos. Mais do que apenas apontar os limites desse não ativismo digital, o que se procurou fazer aqui foi evidenciar que um outro mundo, assim como uma outra comunicação, são possíveis, ainda que sua construção ainda não vislumbre como podem ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, C. A. S. **A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940)**. São Paulo: Unesp, 2006.

BASTIDA, M. L. Anotaciones sobre un cuarto de siglo de cultura y comunicación política zapatista. **Tonos digital: Revista de estudios filológicos**, n. 36, p. 1-33, 2019.

BENFORD, R. D.; SNOW, D. A. Framing processes and social movements: an overview and assessment. **Annual Review of Sociology**, [S.l.], v. 26, 2000. p. 611-639

BISCO JUNIOR, J. G. **Guerrilha em foco: a presença na mídia do discurso Zapatista, de seu surgimento até a Quinta Declaração da Selva Lacandona**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2007.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2^a.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p.

CASTELLS, M. Communication, power and counter-power in the network society, in: **International Journal of Communication**, 2007, p. 238–266.

CORTECERO, F. G.; SAN MIGUEL, F. J.; BECERRA, M. H.; GUTIÉRREZ, I. M. **Uso de figuras mexicanas en el mensaje político del EZLN**. In: Aportación interdisciplinar a los retos de la comunicación y la cultura em el siglo XXI. 1^a. ed. [S. l.]: Ediciones Egregius, 2018. p. 51-73.

CROTTY, J. R. **Slow Growth, Destructive Competition, and Low Road Labor Relations: A Keynes-Marx-Schumpeter Analysis of Neoliberal Globalization**. PERI - Political Economy Research Institute, PERI Publications, 2000.

DE LA CADENA, M. A. El zapatismo como ‘resistencia crítica’ al neoliberalismo. **Revista Chakiñan**, n. 4, p. 28-42, 2017.

DEAN, J. Why the Net is not a Public Sphere. **Constellations**, p. 95-112, 2003

DEAN, J. **Democracy and Other Neoliberal Fantasies: Communicative Capitalism and Left Politics**. Estados Unidos: Duke University Press Books, 2009

DEAN, J. Communicative Capitalism and Class Struggle. **Epheres**, p. 1-16, 2014

DUSSEL, E. La introducción de la transformación de la filosofía de K.O. Apel y la filosofía de la liberación (reflexiones desde una perspectiva latinoamericana), In: **Fundamentación de la ética y filosofía de la liberación**, México, 1992, p. 45-102.

ESPONDA, J. G., BARRIOS, E. P. **Notas para comprender el origen de la rebelión zapatista, Chiapas**, n. 1, México: IIEc, UNAM-Ediciones, p. 101-123. ISBN: 968-411-376-5, 1995.

FIGUEIREDO, C. A. S. **Concepção de partido marxista-leninista: contribuições teóricas e dilemas históricos**. Outubro Revista, n. 33, 2020.

FIGUEIREDO, G. G. de. **A guerra e o espetáculo: origens e transformações da estratégia do EZLN**. 2003. 366 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

GADEA, C. A. **O Ideal Comunitário como Resistência à Modernidade-Global: Um estudo sobre o Movimento Neo-zapatista de Chiapas**. 1999. 252 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 1999.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2019. 400p. Título original: Las venas abiertas de America Latina.

GOMES, S. S. R.; BENZAQUEN, G. F. **A inflexão zapatista: o Congresso Nacional Indígena e a candidatura presidencial em 2018**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v. 54, n. 2, p. 196-205, maio/ago. 2018.

GUARDIA, C. DE LA. **EZLN y la guerra en Internet. Entrevista a Justin Paulson (creador del sitio web del EZLN)**. [Entrevista cedida a Carlos de la Guardia]. Razón y Palabra, n. 13, 2018.

HABERMAS, J. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.

HARVEY, N. Practicing autonomy: Zapatismo and decolonial liberation. **Latin American and Caribbean Ethnic Studies**, v. 11, p. 1-24, 2016. Disponível em: Harvey, N. (2015). Practicing autonomy: Zapatismo and decolonial liberation. Latin American and Caribbean Ethnic Studies, 1–24. doi:10.1080/17442222.2015.1094872. Acesso em: 22 jul. 2021

KLEINA, N. C. M. **Bola na trave: os enquadramentos do “Não vai ter Copa” antes e durante a Copa do Mundo de 2014 no Facebook**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2016.

KLEINA, N. C. M.; PRUDENCIO, K. Não vai ter copa: enquadramentos da mobilização no Facebook. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, Bahia, v. 15, n. 02, p.417-445, maio/ago. 2017.

LEITE, W. D. **Comunicação e confronto político: enquadramentos da mobilização dos pontos de cultura**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2014.

LENIN, V. I. **Que Fazer?** São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

LIRA, A. O. **A mobilização da mobilidade: enquadramentos da bicicletada em Curitiba**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2016.

LUXEMBURGO, R. **Organizational questions of the Russian Social Democracy: Leninism or Marxism?** USA: Integer Press, 1934.

MARQUES, A.; FILHO, I. C. C. As matrizes culturais da Rádio Rebelde Zapatista e a busca por uma comunicação autônoma. **Esferas**, v. 4, n. 7, p. 73-84, jul./dez. 2015.

MELUCCI, A. **Acción colectiva, vida cotidiana y democracia**. El Colégio de México, 1999.

MIGNOLO, W. D. The Zapatistas' Theoretical Revolution. In: MIGNOLO, W. D. (Ed.) **The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options**. Durham: Duke University Press, 2011, p. 213-251

MORTON, A. D. **Revolution and State in Modern Mexico: The Political Economy of Uneven Development**. Lanham: Rowman and Littlefield, 2013

PERIS, F. B. La identidade neo-zapatista como processo comunicativo. **Kamchatka. Revista de análise cultural**, n. 12, p. 11-37, dez. 2018.

PRUDENCIO, K. Micromobilizações, alinhamento de quadros e comunicação política. **Compólitica**, v. 4, n. 2, p. 87-110, ago/dez. 2014.

PRUDENCIO, K. Entre a cruz e a caldeirinha: ativismo digital e os limites para o debate público. In: FARIAS, L. A. de; LEMOS, E.; REBECHI, C. N. (Org). **Opinião Pública, Comunicação e Organizações**. São Paulo: Abrapcorp, 2020, p. 194-209

RAITER, A.; MUÑOZ, I. El discurso zapatista ¿un nuevo discurso o un discurso emergente? **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 5, p. 191-206, 2000.

RAMPINELLI, W. J. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11 n. 126, p. 90-107, 2011.

TISCHLER, S. Zapatismo: Reinventing Revolution. In: CUPPLES, J.; PALOMINO-SCHALSCHA, M.; PRIETO, M. (Org.). **The Routledge Handbook of Latin American Development**, Londres: Routledge, 2018, p. 252-262.

TORO, J. B.; WERNECK, N. M. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TRERÉ, E. Del levantamiento zapatista al escándalo NSA: Lecciones aprendidas, debates actuales y futuros desafíos de la resistencia digital. In: Mena, J. C.; Eyzaguirre, L. B. (Org.). **Activismo digital y nuevos modos de ciudadanía: Una mirada global**, Barcelona: InCom-UAB, 2016, p. 40-59

YASHAR, D. **Contesting Citizenship in Latin America: The Rise of Indigenous Movements and the Post-liberal Challenge**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

ANEXO 1 - SUBCOMANDANTE MARCOS COM UMA PASAMONTAÑAS

Foto: Ricardo Trabulsi

ANEXO 2 - OBSERVAÇÃO NA CAIXA DE COMENTÁRIOS NO SITE ENLACE ZAPATISTA

Deja un comentario

Nombre (requerido)

eMail (no será publicado) (requerido)

Notas Importantes: Este sitio web es de la Comisión Sexta del EZLN. Esta sección de Comentarios está reservada para los Adherentes Registrados y Simpatizantes de la Sexta Declaración de la Selva Lacandona. Cualquier otra comunicación deberá hacerse llegar por correo electrónico. Para evitar mensajes insultantes, spam, propaganda, ataques con virus, sus mensajes no se publican inmediatamente. Cualquier mensaje que contenga alguna de las categorías anteriores será borrado sin previo aviso. Tod@s aquellos que no estén de acuerdo con la Sexta o la Comisión Sexta del EZLN, tienen la libertad de escribir sus comentarios en contra en cualquier otro lugar del ciberespacio.

Enviar comentario

ANEXO 3 - CARTA ZAPATISTA DE MARÇO DE 1994⁵⁸

Al niño Miguel. Nuestra profesión: la esperanza

Al niño Miguel A. Vázquez Valtierra.

La Paz, Baja California Sur.

Miguel:

Tu mamá me entregó tu carta junto con la foto donde sales con tu perro. Aprovecho que tu mamá va de regreso a tu tierra para escribirte estas líneas apresuradas que, tal vez, no alcances a entender todavía. Sin embargo, estoy seguro que algún día, como en el que escribí lo que aquí te pongo, entenderás que es posible que existen hombres y mujeres como nosotros, sin rostro y sin nombre, que lo dejan todo. Hasta la vida misma, para que otros (niños como tú y que no son como tú) puedan levantarse cada mañana sin palabras que callar y sin máscaras para enfrentar al mundo. Cuando ese día llegue, nosotros, los sin rostro y sin nombre, podremos descansar, al fin, bajo tierra. . . bien muertos, eso sí, pero contentos.

Nuestra profesión: la esperanza.

Ya casi se muere el día, oscuro cuando se viste de noche y viene a nacer el otro día, primero con su negro velo y luego con el gris o el azul, según se le antoje al sol alumbrar o no, polvo y lodo en nuestro camino. Ya casi se muere el día en los brazos nocturnos de los grillos y entonces viene esa idea de escribirte para decirte algo que viene de eso de «profesionales de la violencia» que tanto nos han achacado.

Y resulta que sí, que somos profesionales. Pero nuestra profesión es la esperanza. Nosotros decidimos un buen día hacernos soldados para que un día no sean necesarios los soldados. Es decir, escogimos una profesión suicida porque es una profesión cuyo objetivo es desaparecer: soldados que son soldados para que un día

⁵⁸ Disponível em

<<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/03/05/al-nino-miguel-nuestra-profesion-la-esperanza/>>

Acesso em 1 set. 2021

ya nadie tenga que ser soldado. Claro ¿no? Y entonces resulta que estos soldados que quieren dejar de serlo, nosotros, tenemos algo que los libros y discursos llaman «patriotismo». Porque eso que llamamos patria no es una idea que vaga entre letras y libros, sino el gran cuerpo de carne y hueso, de dolor y sufrimiento, de pena, de esperanza en que todo cambie, al fin, un buen día. Y la patria que queremos habrá de nacer también de nuestros errores y tropiezos. De nuestros despojos y rotos cuerpos habrá de levantarse un mundo nuevo. ¿Lo veremos? ¿Importa si lo veremos? Creo yo que no importa tanto como el saber a ciencia cierta que nacerá y que en largo y doloroso parto de la historia algo y todo pusimos: vida, cuerpo y alma. Amor y dolor, que no sólo riman, sino que se hermanan y juntos marchan. Por esto somos soldados que quieren dejar de ser soldados. Pero resulta que, para que ya no sean necesarios los soldados, hay que hacerse soldado y recetar una cantidad discreta de plomo, plomo caliente escribiendo libertad y justicia para todos, no para uno o para unos cuantos, sino para todos, todos, los muertos de antes y de mañana, los vivos de hoy y de siempre, los de todos que llamamos pueblo y patria, los sin nada, los perdedores de siempre antes de mañana, los sin nombre, los sin rostro.

Y ser un soldado que quiere que ya no sean necesarios los soldados es muy simple, basta responder con firmeza al pedacito de esperanza que en cada uno de nosotros depositan los más, los que nada tienen, los que todo tendrán. Por ellos y por los que han ido quedando en el camino, por una u otra razón, injustas todas. Por ellos tratar de veras de cambiar y ser mejores cada día, cada tarde, cada noche de lluvia y grillos. Acumular odio y amor con paciencia. Cultivar el fiero árbol del odio al opresor con el amor que combate y libera. Cultivar el poderoso árbol del amor que es viento que limpia y sana, no el amor pequeño y egoísta, el grande sí, el que mejora y engrandece. Cultivar entre nosotros el árbol del odio y el amor, el árbol del deber. Y en este cultivo poner la vida toda, cuerpo y alma, aliento y esperanza. Crecer pues, crecer y crecerse paso a paso, escalón por escalón. Y en ese sube y baja de rojas estrellas no temer, no temer sino al rendirse, el sentarse en una silla a descansar mientras otros siguen, a tomar aliento mientras otros luchan, a dormir mientras otros velan.

Abandona, si lo tienes, el amor por la muerte y la fascinación por el martirio. El revolucionario ama la vida sin temer la muerte, y busca que la vida sea digna para todos, y si para esto debe pagar con su muerte lo hará sin dramas ni titubeos.

Recibe mi mejor abrazo y este tierno dolor que siempre será esperanza.

Salud Miguel.

Desde las montañas del sureste mexicano

Subcomandante insurgente Marcos.

PD. Acá nosotros vivíamos peor que los perros. Tuvimos que escoger: vivir como animales o morir como hombres dignos. La dignidad, Miguel, es lo único que no se debe perder nunca... nunca.

(La Jornada, 5 de marzo de 1994)

ANEXO 4 - CRÔNICA ZAPATISTA DE DEZEMBRO DE 2020⁵⁹

Segunda Parte: LA CANTINA.

¿Calendario? El actual. ¿Geografía? Cualquier rincón del mundo.

Usted no sabe bien a bien por qué, pero camina de la mano de una niña. Está a punto de preguntarle a dónde se dirigen, cuando pasan frente a una gran cantina. Un gran letrero luminoso, como la marquesina de un cine, declara: “LA HISTORIA CON MAYÚSCULAS. Cantina-bar”, y más abajo “No se admiten mujeres, infantes, indígenas, desempleados, otros, ancian@s, migrantes y demás desechables”. Alguna mano blanca ha agregado “In this place, Black Lives does not matter”. Y otra mano varonil sumó: “Mujeres pueden entrar si se comportan como hombres”. A los lados del establecimiento, se amontonan cadáveres de mujeres de todas las edades y, a juzgar por las ropas hechas jirones, de todas las clases sociales. Usted se detiene y, resignada, la niña también. Se asoman por la puerta y ven un desorden de hombres y mujeres con modos masculinos. Sobre la barra o mostrador, un varón esgrime un bate de béisbol y con él amenaza a diestra y siniestra. La muchedumbre está claramente dividida: en un lado quienes aplauden y en el otro quienes abuchean. Todos están como embriagados: la mirada furiosa, la baba escurriéndoles por la barbilla, el rostro enrojecido.

Se acerca a usted quien debe ser el portero o algo así y le pregunta:

“¿Quiere pasar? Puede elegir el bando que guste. ¿Quiere aplaudir o criticar? No importa cuál elija, le garantizamos que tendrá muchos seguidores, likes, pulgares arriba y más aplausos. Usted será famoso si se le ocurre algo ingenioso, sea a favor o en contra. Y aunque no sea muy inteligente, basta con que haga ruido. Tampoco importa si es cierto o falso lo que grite, siempre y cuando grite fuerte”.

Usted valora la oferta. Le suena atractiva, sobre todo ahora que a usted no le sigue ni el perro.

⁵⁹ Disponível em <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/12/29/segunda-parte-la-cantina/>> Acesso em 1 set. 2021

“¿Es peligroso?”, aventura usted con timidez.

El cadenero lo tranquiliza: “*De ninguna manera, aquí reina la impunidad. Vea usted a quien está en turno al bate. Dice cualquier tontería y unos le aplauden y otros lo critican con otras tonterías. Cuando esa persona termine su turno, otra subirá. Ya le dije antes que no necesita ser inteligente. Es más, la inteligencia aquí es un estorbo. Anímese. Así se olvida de las enfermedades, de las catástrofes, de las miserias, de las mentiras hechas gobierno, del mañana. Aquí la realidad no importa en realidad. Lo que vale es la moda en turno*”.

Usted: “¿Y de qué discuten?”.

“Ah, de cualquier cosa. Ambos lados se empeñan en frivolidades y estupideces. Como que la creatividad no es lo suyo. Y así.”, responde el guardia mientras ojea, temeroso, a lo alto de la edificación.

La niña sigue la dirección de la mirada y, señalando a lo más alto del edificio, donde se alcanza a ver un piso completo -todo vidrio espejo-, pregunta:

“¿Y éstos de allá arriba están a favor o en contra?”

“Ah, no”, responde el hombre y agrega en un susurro: “*Ésos son los dueños de la cantina. No necesitan manifestarse por nada, simplemente se hace lo que ellos mandan*”.

Afuera, más allá en el camino, se mira un grupo de personas que, supone usted, no tuvo interés en entrar a la cantina y siguió su camino. Otro tanto sale del establecimiento con molestia, murmurando: “*es imposible razonar ahí dentro*” y “*en lugar de “La Historia”, debería llamarse “La Histeria”*”. Rien, se alejan.

La niña se le queda mirando. Usted duda...

Ella le dice: *“Puedes quedar o seguir. Sólo hazte responsable de tu decisión. La libertad no es sólo poder decidir qué hacer y hacerlo. Es también hacerse responsable de lo que se hace y de la decisión tomada”*.

Sin decidirse aún, usted le pregunta a la niña: *“¿Y tú a dónde vas?”*

“A mi pueblo”, dice la niña, y extiende sus manitas al horizonte como diciendo *“al mundo”*.

Desde las montañas del Sureste Mexicano.

El SupGaleano.

Es México, es 2020, es diciembre, es madrugada, hace frío y una luna llena mira, asombrada, cómo las montañas se incorporan, se arremangan un poco las naguas y despacio, muy despacio, se echan a andar.

-*-

Del Cuaderno de Apuntes del Gato-Perro: Esperanza le cuenta a Defensa un sueño que tuvo.

“De ahí que estoy dormida y estoy soñando. Claro lo sé que estoy soñando porque estoy dormida. Entonces, de ahí que lo miro que estoy muy lejos. Que hay hombres y mujeres y otros muy otros. Que sea que no los conozco. Que sea que hablan una lengua que no entiendo. Y tienen muchos colores y modos muy distintos. Hacen mucha bulla. Cantan y bailan, hablan, discuten, lloran, ríen. Y no conozco nada de lo que miro. Hay construcciones grandes y pequeñas. Hay árboles y plantas como los de acá, pero diferentes. Muy otra la comida. O sea que todo muy raro. Pero lo más extraño es que, no sé por qué ni cómo, pero lo sé que estoy en mi casa”.

Esperanza queda en silencio. Defensa Zapatista termina de tomar apunte en un su cuaderno, se le queda mirando y, después de unos segundos, le pregunta:

“¿Sabes nadar?”.

Doy fe.

Guau-Miau.